

*Felipe Borges Valério*

# *Sabor de Chão*

*contos e crônicas*

*1ª edição*

2008

---

*Preparação e revisão:* Felipe Borges Valério

*Capa:* Leonardo Flauzino

---





*“Ao Chicão, Neidinha, Bicio,  
Nando e Juju, o núcleo familiar  
que produz o amor que preciso.  
À Van Van, a alma gêmea que  
produz o amor que desejo.”*



*Qual o seu gosto? Deixe-me ser claro. Não pergunto quais sintomas motivam suas vontades. O que realmente desejo saber é o tempero do seu comportamento, o condimento que estimula suas próximas mordiscadas labiais. Algo peculiar nessa doçura transbordada que azede os instintos, cuidadosamente acorrentados na rotina sem-gosto. Quantas gotas de acidez são necessárias para amassar as ondas da sua sobrancelha? Quantas turvam seu olhar cristalino? Amargo estas dúvidas na esperança racional de entender o labirinto gustativo das suas papilas.*

*Aceite o arrepio espontâneo do azedume social, o descontrole amargo que aflige nossa impotência, a acidez irônica do humor sorrateiro, recheando seu incômodo com a doce alegria de relaxar os olhos sobre páginas que não se escondem. No final, convicto das próprias distorções do paladar, você estará livre para lamber os lábios e perceber que a realidade pode nascer com sabor intragável, seco, disfarçado.*

*Mas sempre atrativa aos que comem com os olhos.*

*Felipe Borges Valério*



# Ácido

ressaca  
shhhhh!  
nó na garganta  
eu bebo, sim  
funcionária do mês  
cativeiro  
diga 69!  
kombi amarela  
linha cruzada  
carro do ano

# Azedo

dinheiro certo  
e a sintonia?  
fura-fila  
a filial  
crime do padre rossi  
do céu ao chão  
tá viajando?  
mas que beleza!  
carne macia  
a proparoxítona

# Amargo

barriga d'água  
quem é você?  
desencontro  
sem gelo, por favor  
plano perfeito  
descanse em paz  
o beco  
estátua viva  
trote  
roupa suja

# Doce

chato crônico  
hummmm...  
de pernas pro ar  
turbulência  
amor bandido  
fã número um  
vou fazer uma tatuagem  
de olhos abertos  
o sorriso

# Gosto Duvidoso

abusado

da lama ao caos

cartão vermelho

contratado

desafia o nosso peito à própria morte

23:59

o tempo esquentou

juventude transviada



# ácido

*“fig. muito irônico; mordaz, cruel, corrosivo.”*



## : ressaca

Calmo. Banhava-se em águas tranqüilas, alternando goles de vodca com suspiros quentes. Adorava encenar o atraso e abrir a multidão com braços de desprezo. Mas hoje se sentia repleto de autoridade, realçada ao aceitar os músculos flácidos embaçados pelo calor. Secou-se em atropelo, esvaziou o copo e vestiu a camisa, ainda com as costas molhadas. Escolheu o excesso de instrumentos para ouvir no mais alto volume, enquanto confundia os agudos assoviados com o tilintar do gelo. Adorava whisky depois da vodca, mesmo que causasse estranheza nos que o rodeavam. Defendia-se alegando que, após o primeiro copo, não havia mais necessidade para transparências. Sempre calava os contestadores com suas reflexões. Ironicamente, os pensamentos nunca se calavam. Isso sim o incomodava.

Perfumou-se pela segunda vez, como costumava fazer, e caminhou até a porta. Antes que a trancasse fotografou, com os olhos, a imagem que lhe era arremessada. Temia voltar mais tarde e desconhecer o cenário onde vivia. Evitava explicar esse comportamento aos amigos. Primeiro porque temia que o desconhecessem da mesma forma. Segundo, porque não tinha nenhum. Queimou a garganta com o álcool, ainda quente pela ineficácia do gelo ou pela falta de paciência, e deixou que o copo se quebrasse ao tocar o piso escorregadio. Não varreu os cacos. Assim

como pensava que nossos pedaços deviam ser resgatados pelos outros, também acreditava que nossos desastres deviam ser corrigidos depois. Evitaria que nos machucássemos ainda mais.

O perfume cítrico o acompanhou até o elevador. Dificilmente fumava, mas ao ler a proibição à altura dos olhos, acendeu o cigarro e fumou com fortes pulmões. Costumava seguir regras, mas somente as que não o prejudicavam ou atentavam contra seus passos. Não fumar desrespeitava seu direito de morrer. Não tinha pressa, mas o aceleração do processo estava relacionado ao seu sorriso. Ao sair do elevador esmagou o que sobrava daquele momento com os pés. A demasiada força utilizada na operação mostrava sua superioridade. Aniquilaria quem, como costumavam dizer, o mataria.

Caminhou pela rua e ao avistar o primeiro boteco, aceso o suficiente para garantir o fornecimento de soluções engarrafadas, parou. A simples presença fazia o atendente agilizar o copo com o líquido anestésico. Outros pareciam conhecê-lo, mesmo que não ligasse a mínima para os cumprimentos cambaleantes dos que cruzavam sua vista. Apenas sorvia e, antes que manifestasse qualquer movimento, era servido novamente. Nunca contou quantos copos colavam suas mãos. Apenas contabilizava as perdas tropeçadas e longe do resgate. Lembrava das lágrimas de despedida dos outros enquanto mantinha os olhos secos. Sonhava com os beijos que disfarçou devido ao gosto nauseante de seus lábios. Pensava ter agido certo. Engoliu a garrafa em segundos.

Moveu-se sem pressa para fora do bar, buscando atravessar a rua e alcançar o outro lado. Lento o suficiente para que fosse prensado contra o vidro do automóvel que cruzava a luz vermelha. Pelos estilhaços colados à face enxergou o rosto bêbado de seu carníface. Balbuciou ao lembrar de seu reflexo no banheiro. Igual ao que via. Respirou mais uma vez antes que deixasse de existir e deixou que o último pensamento dominasse a despedida. Não reclamaria a fatalidade.

Tivera ressacas muito piores.

: shhhhh!

Dois tubos metálicos, majestosamente rodeados de emaranhados encaixes cilíndricos, confundiam o olhar mais indolente. O galpão das máquinas, percebido à distância devido à sombria arquitetura e isolada posição no terreno, era preenchido por um intolerável bafo abrasador. Tarcísio evitava aproximar-se, pois se sentia frágil o suficiente de onde estava.

- Essas são as caldeiras responsáveis pela água quente em todo o hotel. Como novo chefe de manutenção, você deve monitorar seu correto funcionamento e comunicar-me imediatamente caso haja alguma alteração crítica. Bom, boa sorte!

Tarcísio não respondeu. Intimidado pelas torres de calor, demorou segundos até perceber a sombra de seu superior hierárquico recolher-se em direção à saída. Encarava as caldeiras com expressão inimiga, temendo, além da responsabilidade óbvia, qualquer manifestação imprevisível dos inúmeros ponteiros que adereçavam o equipamento.

Refém do azar, viveu a primeira alteração anormal naquele mesmo dia. Um estridente barulho, semelhante à balbúrdia das canecas dos presidiários esfolando celas de ferro, que assistira no filme da noite anterior, parafusava seus ouvidos. Temendo o retrato de incompetente por parte do gerente responsável, preferiu não comunicar o ocorrido. O tilintar cessou segundos depois.

Os dias trabalhados seguiam e os ruídos também. Em algumas ocasiões eram harmoniosamente alternados entre as caldeiras. Em outras, ouvia-se um forte apito que se calava em seguida. Havia ainda o barulho perseguidor, ativado sem motivo racional quando Tarcísio esboçava aproximação. A reação era sempre a mesma: os batimentos lutavam contra a apertada caixa torácica, mãos nervosamente ensopadas, pálpebras inertes, respiração descoordenada e tímpanos atentos à tortura rítmica. Silêncio. O fim do ruído instigava o sorriso vencedor, acompanhado pelo rápido sinal da cruz e o beijo no escapulário. Escravo do imprevisível, terminava seu turno com a certeza dos sintomas do amanhã. Não saberia precisar o horário do próximo martírio, apenas a certeza da ocorrência.

O cenário em casa não se mostrava mais promissor. A esposa há tempos percebera a tristeza do marido e sua incapacidade de reagir. Tarcísio nem mesmo encenava outra personagem na farsa diária. Afundado no couro da poltrona, desmanchava o rosto exausto enquanto mantinha o controle remoto repousado sobre a barriga preguiçosa.

Mas aquela noite seria diferente.

Crianças na casa de amigos. Vestido curtinho colado ao corpo. Velas aromáticas remanescentes de uma antiga cesta de aniversário, perfume borrifado na cama e uma garrafa de pinga pela metade. Célia havia preparado tudo.

Antes que Tarcísio cruzasse a porta foi sugado pelo beijo apaixonado da esposa, namorada, parceira, amante... Ela o deixaria escolher o suor de sua personalidade. Toda a raiva presa no macho rasgava a camisa, fincava as unhas na espinha, unia o corpo em um só bloco escorregadio. Goles de cachaça, risadas safadas, Roberto Carlos cantando aos berros no rádio portátil. Urros de masculinidade esquecida...

- Nhéc, nhéc, nhéc, nhéc...

- Que barulho é esse?

- Não sei Tarcísio! Continua!

- Nhéc, nhéc, nhéc, nhéc...

- Continua como??? QUE BARULHO É ESSE???

- Não sei! Deve ser a cama! Não pára!

Tarcísio parou.

Ao descansar o corpo suado na cama ouviu o último ruído das molas do colchão. Enxugou a transpiração do rosto e se distanciou dos braços carentes de Célia. Assim permaneceu até que o sono o levasse. Sem sexo, sem força, sem esperança.

Apenas com seu ronco baixinho.

## : nó na garganta

O carro parou sobre a grama, atropelando a placa enferrujada que tentava alertar para a proibição da manobra. O reflexo no metal negro movimentava-se charmoso à medida que o *chaffeur* abria a porta. A multidão que soluçava a despedida do parente querido interrompeu o choro. O vulto jovem, que se libertava do assento de couro, caminhou lentamente, ajustando os óculos escuros e corrigindo alguns fios de cabelo indisciplinados. Antes que se tornasse identificável para a maioria, foi percebido por um dos convidados.

- Não acredito! É o metido do Carlos.

- O que ele tá fazendo aqui? Nem gostava do vovô!

- Ele faz só pra provocar.

- E aquele carro?

- Faz de propósito. Quer sempre mostrar que é o único que deu certo.

- ... Filho da puta.

Carlos aproximou-se do grupo, redobrando o cuidado para não sujar os sapatos italianos no solo barrento. O restante da família furava sua elegância com inveja carnal. Criado em uma família humilde, envergonhava-se das tradições rurais e orgulhava-se do

porte nobre que havia conquistado. Substituíra parte do nome, caipira demais para um homem de negócios, e gastara fortunas para eliminar o sotaque interiorano com um famoso fonoaudiólogo da capital.

- O que você tá fazendo aqui?

- Bom dia... hummm... Cleberson. Você ainda não trocou esse nome ridículo?

- Olha quem fala! Sr. Carlos Vladisnei Silva.

- Já disse que não uso mais esse nome infame do nosso pai.

- Tem vergonha?

- Você poderia falar sem cuspir, por favor? Está molhando meu terno.

Além da repulsa por todos os familiares ou qualquer pessoa que o reconhecesse como aquele gabiru faminto da roça, Carlos tinha um trauma em especial. Quando criança crescera rápido demais e perdera as poucas roupas que tinha. Filho mais velho de oito criaturas, sofreu a infância descamisado, raspando a sola no chão disforme e improvisando panos velhos contra o frio. Naquele tempo jurara que a primeira fortuna que ganhasse seria investida em roupas caras.

E assim foi.

Virou um conhecedor de grifes, assimilando tendências e contratando costureiros particulares. Trazia tecidos sofisticados do exterior e, cheio de revistas européias com páginas marcadas, encomendava seu próximo terno. Assistia desfiles na primeira fila e anotava qualquer combinação que pudesse vestir sua nova personalidade. Destacava-se nos eventos e mantinha seu círculo social ativo. Carlos se tornara um exemplo de elegância e sofisticação.

- Por favor, por favor! Respeitem o morto!

A revolta rouca do padre lembrou Carlos sobre o real objetivo do reencontro sádico: o avô falecera e aquela seria a chance de estar

por dentro dos últimos detalhes da herança, mesmo que minúscula. Até aquele momento não reparara no corpo imóvel do falecido. Quando alguns vivos abriram espaço suficiente para que Carlos se aproximasse, sem ser tocado pelo suor enjoativo dos membros da família, conseguiu enxergar seu avô deitado.

Tomado por uma força descomunal, sentiu a palidez no próprio rosto, acompanhado dos lábios trêmulos. Aproximou-se do defunto chamando a atenção de todos. Queria tocá-lo de qualquer maneira, agarrá-lo. O suor continuava valente e estimulava Carlos a atropelar quem impedisse seu caminho. Sua jornada hipnótica em direção ao avô confundia a todos.

- O que ele tem?
- Eu sei lá!
- Parece que ele está transtornado.
- Peraí! Aquelas gotas são lágrimas?
- ... Parece... que sim.
- Mas logo o Carlos? Não acredito!
- É nessa hora que a gente sente o baque.
- Se é!

Enquanto a multidão seguia seu desespero, Carlos pulou de braços abertos sobre o caixão. Seu peso fez com que caísse junto com o corpo na sepultura. Ninguém gritou em sua defesa. Um dos primos, inclusive, acenou para que o coveiro de olhos tortos despejasse terra sobre ambos. Sem cerimônia, o bizarro ser apenas obedeceu. Já assistira dramas muito piores. Cada convidado aproveitou para fazer a última prece, alguns desejando paz ao espírito do velho e outros agradecendo o fim macabro do parente intruso.

Mas dentro da cova, agarrado ao corpo do avô, Carlos ainda se movimentava. Com os olhos cheios de terra e a voz ofegante, repetia suas últimas palavras:

- Terno preto com gravata azul? Nem fodendo!

: eu bebo, sim

- Você não acha que já bebeu demais, Ernesto?

- Qualquer liquidez engolida que enfureça o raso caminhar da alma bipolar, merece meu alarmado incentivo.

- Vamos embora, Ernesto! A Soninha vai ficar furiosa.

- Ah é? E a raiva cambaleante e complacente, que oscila na imagem decotada do matrimônio promíscuo? E o sentimento encarcerado nas imundas barras frias da indiferença feminista, camuflado em trapos modistas?

- Pára com isso! Olha o que a bebida está fazendo com você!

- Ué? Nada além de despertar o labirinto encefálico, poluído nos odores sexuais passados e acariciado nas unhas afiadas do cafuné forçado!

- Pára, cara! O pior é que o garçom continua trazendo, mesmo sabendo o estado que você fica!

- Culpa do garçom??? É apenas um miserável elo entre a derrota sonhadora e a capacidade operacional de capturar sustento no esforço braçal. Abandonado ao lodo pelo sistema safado, vive a indecência da timidez esbanjando-se nos seios das prostitutas-amantes, enquanto avermelha-se na ousadia da metrópole faminta.

- Porra, Ernesto! Que saco!

- Deve ser mesmo “um saco” aturar a falência moralista neste palanque enferrujado, reservado aos copos mal-lavados e às lamúrias esperançosas. Tudo culpa do espalhamento da cretinice cotidiana.

- Traga a conta, garçom!

- Mas e a saideira? Último recurso para impedir a drenagem das atitudes valentes! Gordas gotas desfilando, com eventual desprezo, rumo às sensíveis papilas gustativas, encontrando, finalmente, o ápice alucinógeno das substâncias que a compõem. Só mais...

- Cacete, Ernesto!!! Você tá ficando branco, cara!!!

- Só mais...

- Se segura, Ernesto!!! Você vai cair...

TUM!

- Hum...

- Acordou, é?

- Han..hum...Soninha? Não me diga que...

- Isso mesmo, Ernesto! De novo!!!

- Mas...ai, minha cabeça...como...

- O porteiro te encontrou largado na porta do boteco, abraçado no Fumaça!

- Fumaça?... O vira-lata do bairro?

- É, Ernesto!!! O vira-lata...o vira-lata...

- Não chora, Soninha...

- Como “não chora”??? Esse vício vai te matar! Você parece outra pessoa! Fica falando um monte de besteira, filosofando, parece um doido! E esse bafo, Ernesto???

- ... desculpa...

- Desculpa, o cacete! Vou dar um jeito nisso, já que você não é homem!

- Soninha....espera..o que você...

- Já volto!

- Mas...

Soninha atravessa a parede humana que se esmaga em frente ao boteco mirando, furiosa, o rosto do proprietário. Aos gritos, culpa o dono pelo inferno que virou seu casamento e pelas alienações do marido. Alguns motoboys esticam as cabeças e assistem, aos risos, a insana mulher apontar o dedo para o senhor de bigode. Ainda com o rosto vermelho e quente, Soninha sai do boteco, derrubando alguns copos no trajeto.

- Miúdo! Junta o pessoal do boteco.

- Beleza, Seu Joaquim... Unha Suja! Zarolha! Timóteo!

- Vocês sabem quem é aquela dona que estava gritando aqui, não sabem?

- Sabemos, sim, Seu Joaquim. É a esposa do Ernesto, que vem aqui toda noite.

- Então, já é a terceira mulher que vem fazer barraco aqui essa semana. Não vamos mais servir a especialidade da casa.

- Mas...

- Eu sei que é a bebida que mais sai...

- Mas todos os homens...

- Assunto encerrado! De volta ao trabalho.

- ...Ok, chefe.

Com as mãos apoiadas na gaveta da caixa registradora, Seu Joaquim lamenta o prejuízo futuro. Mesmo sabendo que a bebida saía aos litros, não podia deixar que o boteco recém-aberto ficasse mal-visto pelas mulheres da vila. Infelizmente, já estava decidido.

Manga com leite, nunca mais.

## : funcionária do mês

- Devemos ser o quê?
- DISCRETAS!
- Quem tem sempre razão?
- O HÓSPEDE!
- Muito bem, meninas.

Dulce, demitida no corte de funcionários sofrido pela empresa onde trabalhava, acompanha o discurso da governanta com desconfiança. Nunca havia trabalhado em hotéis, muito menos como camareira. Mas sua prima a havia convencido:

- Limpar privada???
- Pára de reclamar, Dulce! Dinheiro é dinheiro!
- Até parece...
- Além do mais, você tá enforcada em conta atrasada!
- Eu sei...mas...

- Nada de “mas”. Amanhã você começa o treinamento. Até já avisei a supervisora.

E lá estava Dulce enfiada em um uniforme impróprio para seu manequim. Ouvia a governanta discursar enquanto esforçava-se para acomodar os seios dentro da blusa.

- Er... licença..Dona...hum...governanta?

- Pois não?

- Esse uniforme está apertado! Não consigo nem respirar!

- Qual seu nome, querida?

- Dulce.

- Talvez você queira que eu solicite a presença de um estilista. Ou melhor, talvez um tecido italiano contemple melhor suas curvas.

- Não...eu só disse...

- Escute aqui, moçinha! Todas as camareiras usam o mesmo uniforme e não temos tamanho maior do que o que você está usando!

- Desculpa, é que...

- Portanto, trate de emagrecer se quiser caber, elegantemente, no uniforme.

- Mas...

- Por que aqui nós devemos ser o que, meninas?

- DISCRETAS!

- E quem tem sempre razão?

- O HÓSPEDE!

Dulce já não agüentava a arrogância da governanta, além de achar idiota o coro bajulador das outras camareiras. Quando pensou em mandar todas à merda, foi puxada pela prima.

- Pô, Dulce!

- Que foi?

- Você quer me ver mal com a chefe??? Fui eu quem te indiquei e você me dá uma dessa?

- Mas ela é irritante.

- Pára!!! É o seguinte! Você precisa do trabalho. Enfia isso na cabeça e pára de reclamar!

- Mas...

- Estamos conversadas!

Ao perceber a preocupação da prima, e dos argumentos irremediáveis, Dulce resolveu que deixaria de lado a implicância com a governanta e seria mais dedicada.

E assim aconteceu.

O treinamento estendeu-se por uma semana. Cama envelope, operações de lavanderia e passadoria, higienização do banheiro, organização das roupas dos hóspedes e aulas sobre como se portar de maneira discreta. Cada etapa das obrigações da camareira foi explicada minuciosamente. E, no final de cada dia:

- Nós devemos ser...

- DISCRETAS!

- Quem tem sempre...

- O HÓSPEDE!

- Muito bem, Dulce!

Dulce havia se destacado durante a semana. A transformação da garota reclamona e insolente em profissional competente foi percebida pela governanta:

- Esta é sua lista de quartos, Dulce.

- Mas...eu...

- Isso mesmo! Você foi selecionada. Parabéns!

- Eu...eu... Obrigada!

- Você mereceu. Agora, ao trabalho.

- Sim, senhora!

Roupa de cama, toalhas limpas, produtos químicos para desinfetar, purificar, esfregar, produtos para reposição nos banheiros, panos secos e úmidos, sacos de lixo, aspirador de pó. Carrinho

completo. Agarrada à chave mestra Dulce sobe ao sétimo andar, quarto 712.

- TOC! TOC! TOC! Camareira!

- “A frente fria proveniente do sul do país...”

- TOC! TOC! TOC! Camareira!

A televisão aos berros evitava que as batidas na porta fossem ouvidas. Pró-ativa e dedicada, Dulce decide entrar no quarto com a chave mestra.

- Licença! Camareira!

- Quem...quem...é você?

Um homem caminha em sua direção com as mãos trêmulas, ensopadas de um líquido vermelho. A camisa branca que o veste possui respingos de cor idêntica. Dulce percebe ainda que, estendido no tapete, está o corpo de uma mulher. Desesperado, o rapaz tenta limpar as mãos na camisa, enquanto repete:

- Foi sem querer... foi sem querer...

Dulce lembra do exaustivo treinamento semanal, da dificuldade em conseguir outro emprego, da média que fez com a governanta e do coro empolgante da equipe. Olha, cautelosamente, para ambos os lados, segura as mãos do homem apavorado e sussurra em seu ouvido:

- Não se preocupe. Vinho não mancha.

## : cativoiro

- Café ou suco?

- Suco.

- Gosta de sanduba de presunto e queijo?

- Gosto.

- Depois que tu terminá vai pra sala e fica assistindo tv.

- Tá. Brigado, tio.

- Alô?

- O menino tá com nós!

- Pelamordedeus! Não machuquem nosso filho!

- Cala a boca!!! Tamo querendo dois milhão!

- Mas nós não temos esse dinheiro!

- Se vira, mano! Vamo cortá a orelha do moleque se tentá enrolá nós!

- Mas...

- Desligaram.

- O que eles disseram, Cláudio??? Cadê nosso filho???

- Eles querem dois milhões de reais.
  - Dois milhões??? Como está o Júnior???
  - Não sei.
  
  - Qual teu nome, garoto?
  - Júnior.
  - Quantos anos tu tem?
  - Seis.
  - Tu sabe porquê tá aqui?
  - Não.
  - Melhor assim. Já volto.
  - Tá.
  - Ei!
  - Quê?
  - Tira esse filme e coloca no desenho. Violência demais pra criança.
  - Tá.
  
  - Alô???
  - Arranjou a grana, patrão?
  - Por favor!!! Precisamos de mais tempo!
  - Tempo o cacete, malandro! Quer ver o Júnior fatiado, porra?
  - Nãããããoooooooo....por favor...
  - Agiliza o bagulho que o tempo tá curto!
  - Mas...
  
  - Já tomô teu banho?
  - Não.
-

- Pega a toalha. Não esquece de lavá atrás da orelha.

- Tá.

- Depois escova os dente, penteia os cabelo e volta pra sala pra assistir tv.

- Tá bom, tio.

- Alô???

- Alô, porra nenhuma!!! Cadê a grana???

- Tenha piedade...POR FAVOR!!! Ele é só uma criança!!!

- A madame do senhor sabe que o moleque vai ficá sem orelha?

- Tenha...piedade.....por favor...

- Recado tá dado.

- Por... favor...

- Tá cansado de assistir tv?

- Um pouco.

- Tu gosta de desenhar?

- Gosto sim.

- Tem folha e lápis de cor na gaveta. Pega lá.

- Tá.

- Desenha aí que eu já volto.

- Tá, tio. Brigado.

- Alô???

- Seu moleque gritou pacas quando eu passei a faca na orelhinha dele!

- Seu monstro desgraçado!!! Não...não...não....!

- Amanhã tu recebe a orelha roxinha do pivete.
- Eu fico no lugar dele!!! Por favor...
  
- O que tu desenhou?
- Desenhei a gente assistindo tv.
- Por que?
- Nunca assisto tv com meu pai. Sempre trabalhando.
- Desenho da hora.
- Brigado, tio. Pode ficar.
  
- Fala chefe! Pela ordem?
- Certo, Lingüiça.
- Tu me chamou aqui?
- Tu vai dá uma volta com o moleque.
- Tá doido? Pra que arriscar, chefe?
- O Juninho tá cansado de assistir tv o dia todo.
- Juninho??? Mas...
- Não esquece de colocá o cinto de segurança nele.
- Mas...
- Leva esse lanche com você. Presunto e queijo. Preferido dele.
- Lanche?
- Não vai correr, hein, porra?
- Peraí, chefe! Com todo respeito, mas tá parecendo que tu é o pai do moleque!
- Lingüiça.
- Que foi?
- Deixa eu vê tua orelha.

## : diga 69

- Preparou a câmera, Moisés?
- Tudo certo. Lente brilhando, bateria carregada, fita virgem.
- Bom. Só uma coisa me preocupa.
- O que foi?
- Essa fita é virgem, mesmo?
- Claro que sim! Acabei de abrir!
- Você coloca a mão no fogo por ela?
- Ah, Alencar! Pára de sacanagem! E eu ainda caio na sua, porra!

As piadas eram comuns entre Moisés e Alencar. O objetivo principal nunca foi fazer graça, mas acalmar os nervos. Há sete anos trabalham juntos na divisão de reportagens de um famoso jornal paulista. “O Gordo e o Magro”, comentavam. Emprego habitual não fosse pela especialidade dos dois: reportagens extremamente arriscadas com câmeras escondidas. Propinas entre políticos, bandidos negociando bocas de fumo com policiais militares, venda de armas clandestinas, tráfico de crianças, turismo sexual? Essas mesmo.

Nenhum dos dois teve a chance de estudar. “Aprendi na marra”, dizia Moisés. “Eu ainda não aprendi!”, brincava Alencar. A

verdade é que a experiência no jornalismo investigativo fazia pouca diferença na hora H. O jornal precisava de alguém com nervos! “Cara, na hora bate uma adrenalina, você controla o suor, mas sabe que tá fervendo, uma frase mal colocada e POW!”. Moisés sempre se assustava com o barulho violento que saía da boca do colega. “Ele acha que tá num filme!”, ria enquanto guardava o equipamento no Gol Bolinha. “Eita carro apertado!”, ria de novo, sofrendo de saudade da Paraty preta que usavam em algumas filmagens. “Rodízio de carro? Prefiro de carne!”, finalizou com uma gargalhada enquanto fechava a porta. Sem cantar pneu, saíram acelerados.

- Qual a pauta de hoje, Moisés?

- Como, qual a pauta? Você não sabe, pô?

- Tô brincando. É aquele lance do diploma?

- Esse mesmo. Tem um povo vendendo diploma falsificado. Pagou, levou!

- E nós vamos ser os “clientes”.

- Na mosca!

Após confirmarem com a sucursal o endereço onde seria a armadilha, contornaram o local e estacionaram na rua de trás. Testaram as minúsculas câmeras presas aos óculos, esconderam os documentos originais no porta-luva e passaram o roteiro pela última vez.

- Eu começo falando, né?

- Isso! Mantém a atenção dos caras em você e deixa que eu me preocupo com as imagens.

- Manter a atenção é fácil! Lindão do jeito que sou!

- Não é o que a mulherada diz.

- E desde quando você dá ouvido a mulher?

- Isso é! Mas então, são dois diplomas de medicina?

- É! Devem estar nos nomes que passamos pelo telefone.

- Beleza. Dr. Walter Monteiro e...

- Dr. Miguel Cunha, prazer! Posso começar o exame de toque?

- Sempre brincando, né? Certo. Vamos nessa.

- Só se for agora!

A rua estava movimentada quando entraram no prédio. Segundo andar, número 69. “Belo número, hein?”, perguntou um. “Delícia!”, respondeu rindo o outro. Sempre cabia uma piada entre os dois. Essa foi a última antes de tocarem a campainha. Uma voz grossa atravessou a madeira.

- Quem é?

- É sobre a roupa da formatura.

- Que curso?

- Medicina.

Senha correta. Porta aberta.

A conversa durou aproximadamente duas horas, mas nunca foi ouvida. Enquanto alguns choravam o sumiço dos dois colegas inseparáveis no jornal, outros lamentavam os riscos da profissão. “Vamos promover uma parada pela paz! Primeiro, o Tim Lopes, e agora eles? Isso tem que parar”. Os mais realistas sabiam que panos brancos pouco mudariam a situação. “O jornalismo é isso! Um risco após o outro! Quando escolhemos essa profissão sabíamos disso!”

A verdade é que a fita e o carro nunca foram encontrados. Os corpos dos dois, muito menos. Alguns comentam que foram desmascarados e queimados em uma favela a alguns quilômetros do local. “Deve ter sido o microfone, um chiado e pronto, detona o disfarce.” Outros dizem que foram enterrados em um terreno baldio perto do campinho de futebol. Uma mulher, inclusive, jura pela alma da mãe que viu os dois fazendo cirurgias no interior do Paraná, sob os nomes de Dr. Walter e Dr. Miguel.

Mas isso, acreditam, só pode ser piada.

## : kombi amarela

O evento estava lotado. Executivos temperamentais, especialistas do sabor, chefs iniciantes, estudantes ambiciosos, críticos. Todos buscavam as últimas novidades para o setor da alta gastronomia e, de sobremesa, aumentariam a abstrata rede de relacionamentos. Igor, embalado em terno de grife moderna, caminhava elegante entre o mostruário de cafeteiras italianas e as opções de coifas anti-ruído quando reconheceu o rosto displicente perdido no corredor.

- Marcelo???

- Opa... Igor. Tudo bom?

- Rapaz, a última vez que nos vimos foi na aula de culinária indiana, no segundo semestre do curso.

- ...É.

- Você devia ter visto a formatura da nossa classe de gastronomia. Serviram pato recheado de amoras turcas banhadas em molho de lima da pérsia e óleo de gergelim.

- Imagino...

- Pena que você preferiu abandonar o curso pra viver daquele seu negócio. Mas também, cá entre nós, você nunca foi sofisticado.

- ...

Desde o primeiro dia de aula Marcelo causara estranheza. Não que tivesse algum órgão fora do lugar ou traços sinistros. Além de ser o representante mais humilde do curso, produzia cachorros-quentes durante a madrugada para serem vendidos em sua Kombi adaptada. A postura cabisbaixa contribuía para que seus colegas, todos herdeiros da alta gastronomia paulistana, humilhassem sua presença e suspeitassem das suas habilidades. Poucos reconheciam o senso apurado de Marcelo para transformar receitas simples em sabores enigmáticos. O próprio cachorro- quente discriminado surpreendera um professor, que nunca ousou divulgar publicamente seu parecer digestivo.

- Mas e aí? Ta fazendo o que nesse evento? Acho que aqui não tem nada que combine com... humm... você!

- Eu vim...

- Aliás! Já falei que inaugurei meu restaurante novo?

- Er... não...

- Montei um espaço requintado no Jardins com receitas que unem a sofisticação da culinária francesa com ingredientes contemporâneos.

- ... que bom...

- Toma aqui o meu cartão! Mas se for aparecer peça um terno emprestado. Lá é muito bem freqüentado e você seria escorraçado pela segurança se tentasse entrar assim.

- Mas que...

- E você? Continua vendendo cachorro- quente com sua Kombi amarela?

- Continuo sim.

- Nossa, hein! Isso que é bom gosto.

- Como assim?

- Nada, não, Marcelo. Boa sorte no seu negócio.

- ... tá.

- Você vai precisar.

Igor ajustou a gravata de seda e despediu-se de Marcelo. Não tinha mais tempo a perder com um vendedor de salsichas protegidas por pão vagabundo e precisava ir para casa se arrumar. Naquela noite seu restaurante estaria recheado de celebridades e sua presença impecável seria absolutamente necessária.

Já no restaurante, Igor conversava com o pianista sobre o repertório da noite, conduzia as últimas instruções para a equipe de chefs e gargalhava sozinho ao lembrar do moribundo ex-colega de classe. “Cachorro-quente na Kombi! Bela carreira!”, repetia enquanto verificava a temperatura da adega.

Curiosamente, passavam-se as horas e o famoso restaurante não recepcionava nenhum cliente. As mesas permaneciam vazias, o pianista contava os minutos para ir embora e os chefs contavam histórias eróticas dos tempos da adolescência. Igor alisava o cabelo modelado com gel e consolava-se: “Só pode ser o trânsito!”, enquanto aumentava a vazão da cascata de champagne.

Um estouro interrompeu seu chique. Acelerou os passos em direção à rua e percebeu um grupo, elegantemente produzido, limpando os cantos da boca com guardanapos baratos. Reconhecendo seus convidados aproximou-se do falatório, que se mostrava confuso e quase subliminar. Enquanto alguns elogiavam o tempero inesquecível que acabaram de provar, outros especialistas discutiam quais ingredientes formavam aquela sublime emulsão de sabores. Apavorado e confuso, Igor despertou com novo estouro, dessa vez mais distante. Imediatamente seus olhos foram atraídos para um veículo barulhento que fugia pela avenida em alta velocidade.

Podia jurar que era uma Kombi. Podia jurar que era amarela.

## : linha cruzada

Acordara determinado a contá-la! Esbravejaria a intensidade, quase doída, dos sentimentos acorrentados no peito. Desmentiria qualquer intriga repleta de malélicas intenções. Contaria, com detalhes, todos os arrepios sentidos na espinha no mais leve toque de seus lábios. Ah, sim, mostraria a importância de cada abrir de olhos ao seu lado. Lembraria situações hilárias que, na cabeça dela, ele julgaria descartáveis. Mas não! Recordava-se de tudo com invejável realismo. O disfarce frio, por mais espontâneo que surgisse, não fazia justiça a sua personalidade. Hoje ela saberia de tudo! Abriria o carinho da alma e esquentaria sua face em seu peito, deixando-a sentir a pressão avassaladora dos batimentos.

Mostraria as fotos que moldaram a felicidade dos passos, apontando o sorriso cheio de esperança no futuro a dois. Leria, aos berros, as cartas de amor trocadas, intercalando trechos sublimes com sorrisos de canto de boca. Sentia-se forte, motivado, imponente, bonito, apaixonado. Planejariam as próximas viagens, preservando segundos de silêncio entre as trocas de olhares a cada pesquisa feita. Praia ou serra? Diriam ao mesmo tempo, com absoluta convicção, que qualquer lugar seria ideal quando estivessem juntos.

Mentiriam aos amigos o real destino de suas aventuras, permitindo que o exílio evitasse interrupções indesejáveis. Arrancariam as baterias de seus celulares e as arremessariam, com

evidente desprezo, sobre as peças de roupas espalhadas pelo quarto. Ele confessaria a ela que todos os seus defeitos acabavam por seduzi-lo, talvez pela espontaneidade dos gestos ou simplesmente pelo fato de desejá-la a todo instante. Ela pediria a ele que se calasse e a beijasse sem pensar. Ambos aceitariam a condução de seus destinos de mãos entrelaçadas. Havia chegado o momento de serem felizes e ele precisava dizer isso a ela!

Puxou o telefone, quase arrancando o fio da parede, e discou. Esmagava os números enquanto respirava ofegante. A cada chamada seu suor mostrava-se mais evidente e sua boca insistia em tremer. Muitos toques depois percebeu a insignificância de seu gesto quando não correspondido. Desligou desolado e voltou para a cama. Tentou, sem sucesso, controlar a gota salgada que falecia por sua face. Sentiu-se miserável por apaixonar-se por uma estória com personagens sem rostos, criada por ele mesmo para compartilhar o vazio que sentia.

Guardou a lista telefônica repleta de nomes riscados embaixo da cama e cobriu-se, torcendo pelo sucesso do próximo número.

Desta vez, a cobrar.

## : carro do ano

“Parabéns pela compra, senhor. Vai faltar espaço neste carro pra tanta mulher”. O comentário machista do vendedor com pinta cafajeste incomodou Daniel. Não, não haveria mulheres naquele carro. Nem homens, velhos, crianças ou animais atropelados. A experiência seria exclusivamente dele. Não havia economizado durante sete anos pra que alguém suasse o couro do banco ou manchasse o painel com dedos curiosos. Daniel escolhera a cor com sessenta dias de antecedência, “prata cubanita”, e adotara o hábito de telefonar todos os dias para a concessionária em busca de respostas que diminuíssem sua agonia. “Como assim o senhor quer saber o itinerário do caminhão cegonha? O quê? Se o motorista tem antecedentes criminais? Hum... não... bem, acho que não”. Sete dias foram suficientes para que conhecesse todos os atendentes. “Fala, Rubão! Que piada o seu time ontem, hein? Bom, tô mandando a previsão do tempo para a semana. Sexta-feira tem chuva de granizo no quilômetro oitenta e nove da Anhanguera. Fala pra esperarem!”

Agora, em seu castelo de aço, alisava o volante como se descobrisse as coxas da namorada da adolescência, só que com muito mais carinho e tesão. Movimentou os vidros automáticos para acompanhar o desenho do seu rosto vencedor no reflexo. As trocas de marcha lembravam a sutileza dos comerciais de automóveis, sem ruídos e no tempo perfeito. Olhava cada acessório do carro como se os conhecesse há tempos. Na verdade, conhecia. Passara meses

analisando o manual baixado pela Internet e memorizara todos os desenhos que confundiam aquelas páginas. “Rebimboca da parafuseta? Mas qual delas? A dianteira ou a traseira?”. O computador portátil, comprado por Daniel e escondido no sótão da casa, era secretamente utilizado para que acompanhasse o status do pedido. “Como assim nem começou o processo de pintura? Amanhã o filho da mãe do Rubão me paga!”, resmungava solitário. Algumas vezes deitava-se na cama somente às cinco da manhã. Antes que a esposa questionasse o horário, mentia: “estava enchendo a cara com o pessoal do escritório”.

“Cadê o céu, cadê o céu?”, repetia eufórico enquanto acionava o teto solar do automóvel. Nem reclamou quando percebeu o semáforo amarelar, seria a chance ideal para testar o funcionamento do moderno sistema de freios. Antes que o carro parasse por completo, sentiu como se sutis braços maternos o confortassem na frenagem, agarrando-o pelas costas e massageando seus ombros. Fechou os olhos e sentiu uma dormência gostosa nas pálpebras. Ainda sonhava vitorioso quando foi surpreendido por dois vultos ao redor do carro - “Ei, narrador! Não é simplesmente um ‘carro’!” Desculpe, foi surpreendido por dois vultos ao redor do seu paraíso tecnológico cheirando a couro importado. Tá bom assim? “Muito melhor”. Humpf, personagem folgado.

- Perdeu, perdeu!

- Perdi o quê? Tem algum risco na lataria que eu não vi?

- Qualé, patrão? Tá tirando!?

- Peraí! Quem tirou o quê? Tá faltando alguma peça? Não acredito! Eu mato o Rubão!

- Cala a boca, patrão! Tá querendo ir pro buraco, porra?

- Buraco, não! Isso acaba com a suspensão!

- Pára de buzinar na nossa orelha e abre o carro, cacete!

- E eu sou louco de gastar a corneta de som da buzina? Ei! Você tá arma...

- Abre, porra!

Daniel abriu, orgulhoso com a resposta rápida do sistema de travas. Antes que percebesse o risco que havia corrido foi arremessado no banco traseiro, juntamente com um dos assaltantes. O outro, já enfurecido pelo tempo perdido, atuaria como o motorista. Antes que o semáforo abrisse, o “carro” – bom, acho que agora não preciso mais obedecê-lo, Daniel – cortou caminho pela calçada, destruindo parte do canteiro.

- Isso é mesmo necessário?

- Não mandei tu calar a boca, patrão?

- Mas essa é uma tintura especial! Prata Cubanita!

- Porra, Caolho! Ele disse “prata”! Será que vale alguma grana?

- Fica quieto você também, Zé Peixe!

Caolho mudava as marchas com raiva e desviava milímetros dos outros carros. Motorista de fuga do morro, herdara essa habilidade do pai traficante, morto pela polícia com doze tiros pelas costas. “Legítima defesa”, disseram. A impaciência ao ouvir uma sirene de ambulância, no entanto, rendeu um rasgo precipitado na mudança da segunda para a terceira marcha, quase ensurdecendo Daniel.

- Pelamordedeus! Pra que isso?

- Já mandei tu calá a boca, porra!

- Minha caixa de câmbio...

Zé Peixe, com a arma apontada para a cabeça de Daniel, não entendia nada. Considerado o mais burro da turma, era a última opção em qualquer operação marginal. Além de não saber dirigir, estava sempre devendo favores para o povo da favela. Fazer parte daquele assalto era a forma de pagar o que devia ao Caolho.

- Você pode diminuir o som do rádio, por favor?

- Porra, tu de novo, patrão! Faz esse cara ficá quieto, Zé Peixe!

- É que o desequilíbrio entre graves e agudos pode danificar as caixas.

- Isso é um assalto, cacete! Não existe porra de desequilíbrio nenhum!

- Tá alto mermo, Caolho, tô ouvindo um zumbido engraçado na orelha.

- Se tu me encher o saco, tu morre também, hein, Zé Peixe!

- Foi mal, Caolho... é que parece um apito... tá doendo...

- Liga não, Zé. Seu comparsa não entende nada de carro.

- Chega vocês dois, porra!

A força do pé de Caolho no freio fez o carro quase rodar. O cheiro enjoativo da borracha dos pneus mantinha-se forte quando Caolho abriu o porta-malas e arremessou sua vítima insuportável dentro. “Cara folgado”, pensou o chefe da quadrilha. “Que porta-malas espaçoso”, constatou um orgulhoso Daniel.

O caminho para o desmanche do morro durou vinte e cinco minutos. Do porta-malas, Daniel continuava a sofrer a insensibilidade do marginal. “Tem que frear na lombada, senhor Caolho!”, gritava rouco sem sucesso. “Cantar pneu pra quê? Precisa disso?”, resmungava ao alisar o feltro que forrava o bagageiro - “tecido alemão, coisa fina”. Antes que encontrasse sem querer o macaco hidráulico, alocado sob sua cabeça, Daniel ouviu o motor ser desligado. A proteção acústica do porta-malas impedia que a conversa fosse ouvida com clareza.

- Vamo ter que matá o cara, Zé Peixe!

- Por quê?

- Como “por quê”? Esqueceu que o playboy viu nossa cara?

- Isso é. E como vai ser?

- Se a gente tivesse mais tempo dava pra fazê o esquema completo.

- Sei, cativoiro, resgate e corpo na fossa que cruza a favela.

- Isso merdo. Mas como a gente perdeu tempo com esse cara...

- Vai ser do jeito “comum”.

- Na mosca. “Comum” já tá bom!

- Já é! Comum, então!

Antes que Zé Peixe terminasse de carregar a arma – Caolho a entregava descarregada, por precaução – um estouro levantou a tampa do porta-malas. Com a camisa ensopada de suor, os cabelos revoltados e a respiração ofegante, Daniel mantinha o olhar de louco enquanto segurava raivoso o macaco hidráulico. Da fala atropelada, que se confundia no excesso de baba, Daniel ainda conseguiu pronunciar algumas palavras antes de receber cinco tiros de Zé Peixe.

“Comum, não, caralho! Aditivada! Aditivada!”



# azedo

*“fig. que denota contrariedade; áspero, ríspido, rude.”*



## : dinheiro certo

- Chegou a hora! Vou abrir uma pousada!

Dirceu alcançara aquela fase primorosa em que a maturidade profissional esbarra nos princípios básicos da auto-realização. Memorandos indecifráveis, faxes com borrões textuais, importuno toque telefônico, secretária feia e lenta, officeboy malandro, ascensorista cadavérico, manobrista patrão, chefe contestador, comentários, críticas, esporro. Felizmente, passado. Motivado pela idéia do irmão, insistida desde a juventude, sentia-se um vencedor. Finalmente, futuro.

Lembrou da esposa, presente nas escassas vitórias e inúmeras derrotas desde o início e companheira de sacrifícios. Dirceu a imaginava ao seu lado, os pés descalços, o chapéu de palha desproporcional à cabeça, suco de caju, rede, praia, vento, cerveja, sol, cochilo, mais cerveja, liberdade. Administraria os lucros da pousada sem pressões hierárquicas ou desgastes desnecessários. Resolveu telefonar para seu irmão a caminho de casa.

- Alô?

- Fala rapaz! Tudo bem?

- Quem é?

- Dirceu pô! Chegou o momento!

- Dirceu do quê?

- Dirceu, seu irmão! Vamos abrir a pousada e viver por nós mesmos. É a nossa vez!.

- Desculpa mas...

- Estaremos livres das amarras da subordinação para cuidar do nosso próprio negócio. Do jeito que combinamos quando éramos novos.

- Acho que o senhor ligou no número errado.

- Ué? Não é da casa do Celso e da Martinha?

- Não senhor.

- Desculpa rapaz. Estou tão empolgado que devo ter me enganado nos números. Até logo!

- Espera.

- Que foi?

- O senhor disse algo sobre abrir uma pousada?

- Isso mesmo! Chegou o momento de fazer o que dá prazer. Viver a vida sabe?

- Nossa...

- Que foi rapaz?

- Não é da minha conta, mas não tinha um jeito mais simples de aproveitar a vida?

- Como assim?

- O senhor precisa primeiramente fazer um estudo de viabilidade do projeto a ser implantado na cidade de interesse. Devem constar nesse estudo informações sobre o entorno da região, infra-estrutura básica, análise do mercado hoteleiro existente, facilidades de acesso, índices econômicos e sociais, perspectiva turística, especificações do terreno escolhido para a construção do empreendimento, considerando as exigências técnicas estipuladas pela Prefeitura, projeção dos resultados nos primeiros anos, sempre considerando as agitações sazonais, política tarifária, análise dos riscos...

- Riscos?

- Sim. Mesmo considerando todos os fatores, o mercado turístico possui oscilações inesperadas que inibem o crescimento da demanda, reduzindo consideravelmente a receita dos empreendimentos hoteleiros. Terrorismo, violência, desastres ambientais, desaceleração da economia, destinos alternativos. Desde o Bin Laden o mercado nunca mais foi o mesmo...

- Bin o quê???

- O senhor já pensou na estrutura do empreendimento?

- Humm...Na verdade...

- Quantas unidades habitacionais estão planejadas? Dimensão e disposição dos apartamentos no terreno? Haverá distinção de categorias entre os apartamentos? Qual o público alvo? Haverá piscina? Sala de ginástica? Quadra poliesportiva? Salão de jogos? Qual será a capacidade do estacionamento? Lavanderia própria ou terceirizada? O restaurante funcionará em sistema de buffet ou à la carte? Alguma cozinha específica? Italiana, francesa, “da fazenda”, contemporânea, brasileira? E o planejamento das operações?

- Que operações?

- É essencial que seja desenvolvido um programa operacional, descrevendo os departamentos existentes no empreendimento. Hospedagem, governança, vendas, manutenção, eventos. Depende da estrutura do lugar. Aliás, qual será o tipo de hospedagem mesmo? Pousada, hotel, flat, hotel fazenda, albergue, camping, estância, chalé?

- Humm... Acho que pousada.

- Haverá departamento de reservas na própria pousada? Poderão ser feitas pela Internet? E sobre a estrutura do site? Haverá um, não é? Será utilizado qual sistema hoteleiro nos computadores? O custo é viável? Quantos recepcionistas? E camareiros? Equipe da cozinha? O senhor está familiarizado com escalas de folgas?

- Bom, pensei que...

- As escalas de folga dos funcionários precisam estar de acordo com a legislação trabalhista, considerando, inclusive, os benefícios previstos em lei. Além disso, a incoerente movimentação dos hóspedes, fruto do fluxo turístico sazonal, exige flexibilidade operacional por parte da equipe nessa questão.

- Sei...

- Bom, desculpa ter me intrometido. Boa sorte no negócio do senhor...

- Tudo bem... Brigado...

Dirceu, com o olhar triste e as orelhas assadas, telefona para seu irmão, dobrando a atenção nos números discados.

- Alô!

- Celso? Sou eu, Dirceu.

- Fala, mano! Tudo bom com você? Há quanto tempo!

- Lembra daquela estória da pousada que você sempre insistiu?

- Lembro sim! Um negócio e tanto, Dirceu! Dinheiro certo!

- Você já ouviu falar em estudo de viabilidade, Celso?

- Estudo de quê???

Dirceu desligou o telefone e desviou o caminho de casa, seguindo em direção à casa do irmão. A respiração acelerada e a velocidade das curvas confirmavam:

Naquela noite, seu sonho não seria enterrado sozinho.



- Não acredito...
- Vou ligar na portaria.
  
- Portaria, Raimundo.
- Fala, Raimundo. Me diz uma coisa...
- Qualquer coisa?
- Quê?
- O senhor disse...
- Esquece. Alguém no prédio reclamou de problemas na tv?
- Reclamou, sim.
- E...
- E o quê?
- Você sabe o que aconteceu, Raimundo???
- Parece que a antena hiperbólica caiu...
- Antena o quê???
- Aquele troço que leva os “canal” importado pra tv do senhor.
- Antena parabólica?
- Isso mesmo que eu disse.
- Sei. Então só tenho os canais abertos?
- Só se o senhor abriu. Eu num mexi em nada, não.
- Quê? Bom, e tem alguma previsão?
- Num sei aí em cima, mas tá um solzão da hora aqui.
- Esquece, Raimundo.
- Tá esquecido!
- Ai meu Deus... qualquer novidade me avisa?
- Podexá!

Desligou o interfone e se comprometeu com a missão: encontrar programas de qualidade nos canais abertos. Estava sendo injusto, acharia algum que prestasse. Decidiu tentar o primeiro canal.

“Chegou a hora, queridos telespectadores!!! Apresentaremos agora, AO VIVO, o parto da Dona Aparecida, que comemora hoje, aqui no programa, AO VIVO, o nascimento de seu décimo filho!!! E tudo isso, AO VIVO!!! AO VIVO!!!”

Tentou novamente.

“Estamos aqui com esse ator fabuloso, exemplo de dedicação profissional, responsável pelas melhores atuações da televisão brasileira. Não é como os outros que vêm aqui querendo aparecer, não! Esse ator é digno, competente, sincero, humilde, consciente. Então, Marcelão, você foi mesmo pego fumando maconha??? Conta pra gente!”

E outra vez.

“LIBERTES ESTE SER MALIGNO DAS TUAS ENTRANHAS!!! Não deixeis que destroces tua alma e rasgue tua vida da carne!!! Gritais pelo senhor, mulher!!! Chameis por salvação!!! Alcanceis a graça e depositeis 80% do teu salário na conta do Senhor!!! Amém!”

- CHEGA!!!

- Que foi, amor?

- Não agüento mais esses canais!! Tô emburrecendo!!! Não sei o que faço!

- Hummm... tenho uma idéia...

- Que idéia?

- Humm... você sabe...

- Ahhhh... entendi... é uma ótima idéia, por sinal.

- Então, vem cá... chega mais pertinho...

- Hummm... que quentinha que você tá...

- Não viu nada... hummm...

E assim a chateação dominical se transformava em prazer. Beijos amanhecidos, cama ainda quente, televisão desligada. Cada mordida no pescoço vinha acompanhada de arranhões oportunos. A falta de fôlego avisava:

- Vai!!!

- To indo!

- Agoraaaaa!

- Vai!!! Vai!!!

- Agora...agora...ago...

“TRIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIMMMMMMMMMMMMMMMMMMM”

- O interfone!

- Deixa tocar, Maurício!!!

- Mas....

- CONTINUA!!!

- E se for importante?

- EM PLENO DOMINGO??? IMPORTANTE???

- E se for? Melhor eu atender!

- Saco, Maurício! Vê se vai rápido!

Correu pelado em direção ao corredor e atendeu ofegante o fone. Antes que a ligação completasse um minuto, voltou sem dizer uma palavra. Sentou-se, ainda mudo, e perdeu o olhar na tela negra. Apesar das sacudidas da namorada para que dissesse algo, permaneceu pasmo. Deitou-se no seu lado da cama e, sem olhar para trás, murmurou:

- Sintonia... só amanhã...

## : fura-fila

Imóvel. Colados ao chão estavam os pés e, desobedientes aos comandos, assim permaneciam até que o viscoso sangue escuro contornasse a sola. Confuso se a demência cotidiana transformava a cena em tragédia ou em reprovação passageira, acompanhei o sinuoso deslize de vida. Ouvia a música cada vez mais alta, em alternados acordes crus e agudos latejantes, repetindo o refrão com olhos inundados. Não havia carros ou pedestres testemunhando a imundície que vertia da situação. Nem mesmo os indigentes filósofos, acompanhados de cães sarnentos, porém fiéis, nasciam dos esconderijos sombrios.

Solitário na ocasião imaginei se a chuva torrencial limparia a alma pálida. Decidi não pedir muito já que nem mesmo o asfalto sujo merecia cuidado. Mas a ilusão que a liberdade momentânea alimentava, me fazia rezar pelo fim da fraqueza. Ajoelhado nas poças confusas mordeu o lábio inferior, maquiando a face assustada. Seria o começo de algo sem fim ou o fim de algo que nem começara?

Analisava o cenário com visão minuciosa na tentativa de organizar o acontecimento. Imaginava seqüências cinematográficas filmadas em quarteirões hostis, desespero dos civis rastreando abrigos para seus corpos cansados, pneus rasgando o chão e libertando o fétido aroma das borrachas negras. Percebi um sorriso tímido manifestado pelos meus lábios e escolhi o silêncio. Adorava

interromper pensamentos e deixar que a mente esvaziasse as últimas opiniões em forma de falas mudas. Do contrário, acreditava que a confusão mental nos guiaria para ações escatológicas, abarrotadas de frieza e temperadas com raiva. Tarde demais.

Coloquei-me ereto e encarei os raios luminosos que dançavam desordenados a minha volta. Cada vez mais distante do beco azedo aceitei a paz empurrada contra o peito. Não precisei caminhar ou correr em direção às luzes, nem mesmo proteger os olhos para a claridade pontiaguda. O evidente conforto, sustentado pelo sentimento alvedrio, agarrava meu pulso e rabiscava os passos.

Poderia finalmente caminhar sem olhar pra trás. Mas precisava, uma última vez, fotografar nas pupilas estreitas o que ficaria esquecido. Aceitei a imagem de meu corpo ensopado perto do latão de lixo e dei o último passo.

Torcendo para que nunca perguntassem como havia forjado minha morte.

## : a filial

Heloísa carregava um histórico de vida inusitado. Vendida pelos pais para um casal americano, fugiu antes que conhecesse os mercenários que a compraram. Tornou-se hóspede assídua de abrigos imundos, distribuídos no mapa da indecência. Quando não era espancada por outros flagelados, era alisada pelos responsáveis nas instituições. Percebeu que a rua escancararia suas feridas, mas estava disposta a largar as contradições assistenciais a que estava submetida. Antes, arrancou metade da orelha de Josué, seu bolinador fixo, enquanto o estimulava a acreditar em seus gemidos. Atropelou as portas do abrigo cuspiendo caroços de sangue e nunca mais voltou.

Foi procurando nutrientes, na lixeira em frente à multinacional presidida por Clóvis, que fora percebida. O homem de terno fino, executivo com negócios em toda a Europa, contrastava com a beleza autêntica, empoeirada no rosto primitivo e insuportavelmente sedutor da pedinte. Clóvis perguntou ao segurança do prédio sobre a constância daquele comportamento.

- Olha, Sr. Clóvis, ela aparece sempre no mesmo horário.

- Há quanto tempo?

- Já tem um mês que ela fica com cara de fome zanzando aqui na frente.

- Mas como eu nunca percebi nada?
- Ora, Sr. Clóvis! Ela é uma mendiga imunda como todas as outras.
- Não, Ademir... asseguro a você que ela é diferente.
- Bom, o senhor que sabe.
- Faz o seguinte. Pega esse dinheiro e compra um lanche caprichado.
- Mas...
- Faz o que estou mandando, Ademir.
- Já que o senhor tá dizendo...

Como um cachorro acariciado pelo dono, Heloísa continuava a perambular na porta da empresa. O segurança, preocupado com o sustento dos próprios vícios, não impedia que ela repetisse o ritual. A pedido do chefe, a cada dia as vantagens aumentavam. Comida, roupas novas, salões de beleza, mais comida, cobertores. Clóvis apaixonara-se pela miséria que alimentava e decidiu sustentar suas emoções. Percebendo que a jovem sentia-se mais à vontade em frente à empresa, perguntou:

- Qual o seu nome?
- ... Heloísa.
- Você sabe que sou eu quem está fazendo tudo isso por você?
- Er.... sei... sim... brigada.
- Você quer ter isso a vida inteira?
- ...
- Responda. Você quer ter isso a vida inteira?
- Mas... como... eu não...
- Quer casar comigo?

O “sim” tímido da moça foi abafado pelo acesso de tosse do segurança, quase afogado na própria indignação e perplexidade. Naquele momento, o executivo só sonhava em dividir todo o luxo a que estava acostumado com aquela beleza carente. O altar seria o caminho mais apropriado. E assim foi.

Clóvis ainda sentia os grãos de arroz chovendo sobre os cabelos. Sua esposa Heloísa não exalava a alegria inerente às recém-casadas. Nem mesmo a leveza contida, contemplada nas mais tímidas, era perceptível em sua face. Existia apenas um sutil olhar de desconfiança, inédito na percepção do novo esposo.

- É tanta coisa junta, os preparativos, a correria, os convidados, a surpresa, que ela deve estar meio perdida. – defendia-se Clóvis à própria mãe, na porta da igreja.

A sogra contraía as pálpebras flácidas e discordava enérgica:

- Nunca fui com a cara dessa rapariga! Ô coitada sem-graça.

- Calma, mãe! Você sabe como a vida dela foi difícil.

- Você e essa idéia absurda.

- Eu a amo, mamãe.

- Meu Deus, meu filho. Escolher esposa assim?

- Já disse que ela é especial.

- Você vai acabar se arrependendo.

- Chega, mãe. Hoje é o nosso casamento.

Despediram-se dos últimos convidados e foram para o melhor hotel da cidade, seguidos pela música das latinhas. Amaram-se como adolescentes, descobrindo cada centímetro de pele que escorregava no suor aquecido. Aproveitavam a lua-de-mel com desejo escaldante quando Clóvis gemeu um choro pausado e caiu na cama com os olhos estatelados.

O corpo só foi descoberto na manhã seguinte através do grito desesperado da camareira responsável pela limpeza da suíte presidencial. Como o caso envolvia um alto executivo, a polícia

chegou às pressas ao hotel. Intolerante e percebendo a falta de vantagens para si próprio, o delegado fechou o caso com veemência:

- Ataque cardíaco. Manda o rabecão subir.

- Mas e a...

- Porra, Dutra! Tira esses repórteres daqui!

- Positivo, chefe...

Escondida sob a cama, Heloísa pôde ouvir o zíper do saco preto deslizando. O pacotinho com pó de mata-rato fora sugado pela descarga. Com as mãos trêmulas, ainda indignava-se com a traição, olhando inconformada as últimas ligações no celular de Clóvis.

Todas para a mesma vagabunda. Todas para a filial da Alemanha.

## : crime do padre rossi

- Bem vindos à casa do Senhor.

A saudação com sotaque papal convidava os presentes a se acomodarem e, o mais importante, calarem as bocas. Padre Rossi era conhecido pela rigidez e demonstrações públicas de humilhações contra fiéis. Senhoras com odor suspeito, pais de família em trajes de gala, namoradinhos em evolução religiosa, crianças birrentas. Não havia distinção para os acessos de fúria que espumavam da sua fala.

Nem mesmo quando fora apresentado à paróquia da cidade interiorana, em substituição ao Padre Firmino, preso por defender o uso do preservativo, demonstrou a hospitalidade que se esperava. Ouviu as saudações do bloco de mulheres idosas, freqüentadoras assíduas do templo, enquanto bocejava evidente desprezo.

Alguns indignados até tentaram manifestar opiniões contrárias, exigindo que o representante de Deus honrasse com os preceitos que a religião defendia sem distinção ou descaso. Para azar dos próprios, foram os que mais sofreram. Antes de cada missa, Padre Rossi escancarava as confissões “sigilosas” dos seus desafetos.

- Não se preocupe, Dona Carminha. Seu marido a traiu com sua irmã, mas demonstrou com este gesto que se preocupa com a preservação da unidade familiar no casamento. Poderia ter sido com

uma quenga qualquer, como faz o prefeito.

A reação era sempre a mesma. Fiéis com culpa no cartório arrastavam-se para fora da igreja, enquanto os que sobravam repetiam o sinal da cruz, agradecendo a benção por não terem os nomes pronunciados. Os mais exaltados, que ameaçavam espancar o padre, eram enxotados sem misericórdia.

- Pra fora, infiéis! Respeitem a casa do Senhor.

Curiosamente, naquele domingo uma figura estranha destacava-se na última fileira. Percebido à distância pelos trajés e trejeitos da capital, o rapaz distorcia-se na submissão interiorana. Padre Rossi notou a figura inédita e sentiu-se tonto por alguns segundos. Os poucos que tentaram acudi-lo foram escorraçados pelo religioso.

- Tirem as mãos de mim!

Continuou a missa desconcentrado, tremendo os lábios, confundindo os textos e bebendo goles fartos de vinho. Perdera o ar intimidante, realçando gestos descoordenados e engolindo a própria respiração. Na distribuição das hóstias entupiu as bocas mais lentas com quantas rodela sagradas coubessem, enquanto as vítimas da distração comemoravam a fartura como sinal de elevação espiritual. Não adiantava, os olhos refletiam somente a imagem incômoda do intruso.

Assim que abençoou o último fiel, sem nem ao menos olhar o rosto, caminhou atormentado em direção ao jovem bem vestido. A igreja ainda se mantinha entupida de fiéis, ou melhor, espectadores, quando Padre Rossi sussurrou:

- Mas você... não pode ser... você é...

Antes que terminasse o reconhecimento foi surpreendido pela língua molhada do jovem em sua boca, enquanto sentia o crucifixo, fincado com força no peito, queimar a carne. Sem se preocupar com o desespero dos que assistiam a cena, o desconhecido de olhar angelical deixou que o corpo do padre escorresse ao chão, pronunciando com voz doce suas primeiras palavras:

- Sou eu mesmo. Seu coroinha preferido.

## : do céu ao chão

Nunca percebera os feixes de luz que formavam, ou melhor, deformavam a cidade. No entanto, nenhum feixe esquadrihara suas feições. Considerara o parapeito promissor para o início de sua derrota gloriosa. Destinara poucos minutos para discorrer lamúrias, do alto do bloco que abrigava sua fuga cotidiana e, com invejável simetria, paralelizava gotas sujas. O vento gelado, mais sensível aos pés descalços, implorava a renúncia ao planejado. Triste engano, somente cobiçava o vôo. O gelar dos olhos em nada afetaria a viagem e o tremor dos órgãos acelerava, deliciosamente, o íntimo.

Apagara as luzes do esconderijo para evitar percepções comuns dos que formavam o tapete humano no solo. No entanto, o desespero social guiara os olhos medrosos para a tragédia propícia. Mostrava-se passivo aos gritos de reprovação, condicionados aos que buscam ajudar, mas que se envergonham dos passos acanhados. A verticalidade que o separava das cabeças iguais o impedia de sentenciá-las. Nunca pedira sucesso...Pedira sucessor.

Confortável no cenário sujo que o distanciava do solo lembrou-se de seu toque. Macio e abrangente, percorria as falanges, pressionando sem prévio aviso, as junções. As mãos, em formato de concha, aqueciam suas palmas. Que irônico, naquele momento aplaudira a vitória da tristeza, quase se desequilibrando do fino

espaço que roçava seus pés. Ainda não era o momento. Antes, jurara livrar a alma das irregularidades da mente.

Pedira perdão pelas fraquezas que a deixaram partir. Misturava o caminho do choro com os lábios úmidos, chegando a cambalear ao lembrar do gosto doce. Esmagara as pálpebras, expulsando o último suco que a representara. Já na ponta dos pés, esticara os braços o máximo possível. Ouvira certa vez que o início da queda forçava o desmaio e impedia que a dor surgisse.

Já com o corpo colado ao chão, entre gritos de pânico dos covardes que nada entendiam, os lábios sorriam.

Sentira tudo.

: tá viajando?

A cadeira voava sobre os passageiros em direção ao atendente da empresa aérea. Refrões inventados no calor do momento cutucavam a ineficiência do controle de voo. As filas esticavam apavoradas e transformavam o saguão em um labirinto hostil. Foi justamente nesse emaranhado lento que os primeiros olhares se cruzaram. Ele, com maleta executiva e terno bem cortado. Ela, com os cabelos soltos e sedutor vestidinho regional.

- Que inferno isso aqui, né?
- Inferno? Parece mais o purgatório.
- Como assim?
- Ôche! Ninguém sabe ainda pra onde vai.

Ele esboçou um sorriso natural. Ela continuou cantarolando algo suave. Sentiu-se atraído pela reflexão imediata, e deliciosamente humorada, no meio daquele caos. A doçura da sua fala se equilibrava com uma dose sutil de ironia ácida. Ele sempre procurou isso em uma mulher. Ela sempre o teve de sobra.

- Desculpe a grosseria, mas você vai pra onde?
- Se Deus quiser, pra Bahia. Visitar a mainha.
- Sério? Nossa, que inveja!
- E você?

- Brasília. Tenho uma reunião importante hoje.

- Ôche! Melhor pedir ajuda pro santo.

Agora ele gargalhou com vontade. Santo pra que? Queria era um anjo daquele no seu caminho. Mulher de verdade, brasileiríssima, despojada, natural, gostosa, eternamente baiana. Ainda hipnotizado pelo sotaque resolveu arriscar:

- Você não quer beber alguma coisa?

- Mas...

- Não se preocupe. A fila não anda há mais de uma hora.

- Hum... tá bom, então.

Ele a ajudou com a bagagem, enquanto ela desfilava charme. Pediu um café pra ele e um suco natural de acerola pra ela. Sentaram-se no chão, ao lado da loja de CD do aeroporto e conversaram sobre tudo. Futuro, desejos, viagens, coincidências. Em pouco tempo uniam saliva em um beijo demorado e espontâneo, ao som do refrão de “Você é Linda” que escapava da loja. Depois disfarçaram a timidez natural e decidiram voltar ao guichê da companhia para se informarem sobre os vôos.

- Bom dia, senhor.

- Você tem alguma previsão para o vôo 7036? Com destino à Brasília?

- Hum... vou checar... hum...

- Então?

- O último assento acabou de ser definido. O senhor precisará aguardar o próximo vôo, proveniente de Manaus, e fazer escalas em Santa Catarina e no Acre.

- Que? Mas quando será isso?

- Com sorte amanhã, senhor.

Ele ouviu risadas no balcão ao lado. Ela sorria, mostrando o bilhete eufórica. Ele não entendeu a alegria. Ela o abraçou e não se conteve:

- Fiz uma loucura!
- O que foi?
- Comprei o último bilhete pra Brasília.
- Mas...
- Eu vou com você, meu lindo!

Ela sorria como nunca. Ele decepcionava-se. Ela sonhava com a continuação daqueles momentos. Ele percebeu que nem gostava tanto assim das baianas. Ela viu um futuro ao seu lado. Ele se arrependeu por ter puxado conversa. Ela propôs nomes para os filhos que viriam. Ele fugiu pela porta de emergência do aeroporto.

E nesse exato momento, enquanto ela desfazia o sorriso, o sonho dos dois voava pelos ares.

: mas que beleza!

O cumprimento do segurança ao abrir a cristalina porta de vidro desconfortou Eulália. Mal a cabeça havia confrontado o ar que vazava do lugar, começou a perceber que seu mundo não rodava naqueles eixos. Se estivesse sozinha daria meia-volta e fugiria de lá. Não estava. Sua irmã caçula, prematuramente infiltrada nas rodas sociais, construía argumentos sobre o poder da imagem pessoal enquanto a arrastava pelas mãos. “Existe até livro sobre isso, sabia?”, comentou ao sorrir a arcada clareada a laser para a recepcionista.

- Oi, Carmem! Lembra que comentei sobre a minha irmã?

- A que você sempre chama de mendiga?

- Er... quer dizer... Bom, trouxe ela pra dar uma geral.

- O que vai ser?

- Tudo! Cabelo, unhas, depilação, massagem. Dinheiro não é problema.

- Claro, querida! Depois conversamos sobre seu último cheque.

- Mas eu coloquei “bom para”...

- Depois, querida, depois! Fiquem à vontade.

Eulália nem se incomodava em contestar a irmã. Morava de favor em sua casa e sabia que todo aquele esforço não transpirava carinho fraternal. Dirce, a filha ideal, elegante e sedutora, deixava claro que um homem seria a única forma de amolecer a casca da irmã e, “se Deus quisesse”, casar a coitada e levá-la para longe do convívio com seu círculo de amigos.

Um latido chamou a atenção de Eulália. Afundada como um bicho acuado na cadeira de espera franziu a testa ao perceber o cachorro. Com laços presos à cabeça, o poodle pintado de rosa desfilava suas patas magrelas no chão escorregadio. Ouvidos mais atentos perceberiam, inclusive, o som fofo que escapava dos sapatinhos que protegiam as patas. A proprietária do bichano, “proprietária, não! A Belinha é minha filha” fechava os olhos a cada sorriso. “Meu charme”, dizia ela. “Botox”, confessavam todos ali.

No outro canto uma menina que aparentava catorze anos gritava ao celular. Balançando os braços raquíticos, “coisa de modelo”, dizia ela, exigia que sua professora de Pilates parasse com aquela frescura de “não posso dar aula hoje, meu pai sofreu um enfarto fulminante” e corresse para atendê-la depois da sessão de bronzeamento. Nem ouviu a resposta. Alternou para outra chamada, “coisa de celular hype”, e ficou gemendo declarações para o namorado de 25 anos, DJ, poeta e morador de Heliópolis. “Coisa de relacionamento moderno”.

Sob um globo metálico uma senhora obesa suave. “Vale o sacrifício, tudo pra me darem cinco anos a menos”, ofegava ao tentar manter a consciência no secador. “Que diferença faz para uma mulher de 70 anos?”, pensou Eulália. “To-da a di-fe-ren-ça!”, defenderia o cabeleireiro esmagado em uma blusa minúscula com os dizeres “Ready or not, here I come”. Presente de um cliente que prometera levá-lo para conhecer a Tailândia, mas que acabou sendo preso com papélotes de cocaína no estômago. “Ele jura que é inocente”.

O mesmo segurança da porta de vidro pronunciou um “gudi morningui!”, já prevendo as moedas estrangeiras que sobriariam em seu bolso. Com os cabelos picotados por alguma moda europeia e

shorts que realçavam a ausência glútea daquele povo, duas loiras colavam de um papel. “Oulá! Tuto bem cu vochêis? Brazilian wax pra nós dois”. Quinze minutos depois, a sala de espera já conseguia ouvir os gritos. Preparada e comissionada, a atendente corria para anotar o endereço da melhor loja de biquínis da região. “Agora vocês já podem usar estes biquínis brasileiros. Vão neste endereço e falem com a Joyce. Somente com ela, hein?”, escrevia no Google enquanto aguardava a tradução automática. No chão, fungando o cinzeiro, a cadela continuava a cuspir as tripas em latidos cada vez mais altos. “Belinha adora cantar”, dizia a dona. “A tinta rosa é tóxica”, lamentavam todos ali.

A cabeça de Eulália parecia explodir. Já com trinta e seis anos, entendia porque nunca fora atraída para estes lugares. Gostava de mexer na terra, algumas vezes dormia sem tomar banho por pura preguiça, penteava os cabelos com as mãos, raspava somente o bigode, espremia espinhas e comia pizza amanhecida. Era feliz assim. Ao explodir um grito desesperado, agarrou o poodle rosa e trancou-se no banheiro. Os funcionários tentavam consolá-la através da porta e o segurança apertava demente o rádio, “QAP, supervisor? QAP???” , choramingando diante da situação. Abrir portas era sua especialidade. Só.

Quase todos se aglomeravam em frente ao banheiro. O “quase” era sua irmã, vista pelo manobrista se escondendo sob uma caminhonete. Segurando o peludo rosa contra o peito e ajoelhada ao lado da privada, Eulália jurava que só sairia quando cancelassem todo os seus horários ou quando o poodle estivesse sem ar.

O que viesse primeiro.

## : carne macia

Bocejou cerimonioso. Esquentou as mãos grossas no bolso empelotado da calça preta. Bocejou de novo, deixando escapar, desta vez, parte da saliva. Enxugou o excesso com a própria língua. Nem pensava em usar as mãos. Não agora que sentia a palma gelada formigar o derretimento do tecido vagabundo. Os ossos estalavam menos quando protegidos do sopro provocador da madrugada.

Timóteo fingia acompanhar a movimentação suspeita com olhar compacto. Gostava de imaginar as doze horas que entupiam seu trabalho vigorosamente irracionais. Desconfiava da inocência, suave nas costas quando se sentia ameaçado, memorizava a conversa dos outros. “É claro que amo você, querido!”, “vou sair tarde do escritório”, “não sei a que horas termina a reunião”, escorregavam nos gomos do seu cérebro. Quando perguntavam com o que trabalhava, pouco se esforçava para explicar. Sem nunca mirar nos olhos resmungava com voz grave, “hotel... segurança... madrugada”.

O cacoete de raspar os dentes e engolir o pó que atritava dos caninos o presenteou com uma perfuradora dor de cabeça. Não saberia viver sem o batuque doloroso que ritmava seu turno. Gostava da forma como os ossos da face saltavam a cada movimento. “Você não é magro demais pra ser segurança?”. Timóteo, que odiava o nome tanto quanto o emprego, desprezava sinceridades pueris.

“Você sabe como são as crianças, né?”, antecipavam os pais para resgatá-lo do constrangimento.

Timóteo não sabia. Aos onze anos, já com a estatura que o definiria, tornara-se homem ao atravessar uma faca lambuzada com geléia de mocotó na coxa do seu pai violento. “Agora sim, acredito em papai do céu...”, disse calmo ao enxugar as lágrimas roxas da mãe. Anos depois o mesmo choro apresentou um novo namorado. “Ele é diferente, filho”, jurou a mulher que o arremessara ao mundo. “Mentira, a maior tentação para quem bate é a carne macia de quem gosta de apanhar”, dizia seu padrinho ao virar as últimas páginas de qualquer Nelson Rodrigues. “Mamãe gosta de apanhar...”, concluiu Timóteo ao pedir carona com a roupa do corpo. Antes, raspou a lataria cor de manga do Fiat 147 do recém chegado.

“O senhor pode me ajudar com as bagagens?”. A falência em que o hotel se encontrava exigia de Timóteo que extrapolasse suas habilidades de segurança. Carregava malas, manobrava carros e, de vez em quando, puxava os lençóis de algumas camas extras. Alguns trocados faziam o esforço valer a pena. Mas, no fundo, sabia que não tinha preço um homem de terno, quarenta e poucos, esticando lençóis para crianças birrentas enquanto as camareiras transavam com seus maridos.

“Prometo que vou saber recompensar”, soltou a mesma voz com um sorriso provocante. Timóteo agarrou as malas da mulher que insistia em sorrir e caminhou sem dizer nada. Nem mesmo a eternidade do elevador mudava sua expressão. “Você é sempre tímido assim?”, tentou a loira de cabelos enrolados. Timóteo respirou fundo e continuou encarando a etiqueta da bagagem. “Carmem S. Neves”. “Não parecia nome de vagabunda”, pensou.

Apartamento 704. Sétimo andar. “Adoro o número sete, dá sorte... Pode colocar as malas dentro do quarto, por favor?”. Mal havia terminado de equilibrar as bagagens sobre a cama, sentiu as costas serem cravadas pelas unhas vermelhas de Carmem. Permaneceu imóvel enquanto ela molhava seu pescoço com a saliva quente. Os botões da camisa eram estourados com força. O segurança não se rendia, mas não protestava. O corpo bronzeado de

Carmem contrastava com sua pele sem vida. O beijo ameaçava tirar pedaços. A tatuagem na altura da cintura recebia atenção especial da sua boca de dentes curtos. Ela retribuía alisando a cicatriz em seu ombro. Timóteo transava sem ruídos. O celular dela tocava, o rádio dele apitava. “Me bate!”. Ele sentiu as pernas tremerem. “Vai, me bate com força!”. Suas mãos grossas apertaram as coxas bronzeadas de Carmem. “Me bate! Me bate!”.

Com um soco desastrado, Timóteo arremessou o corpo nu de sua amante ao chão. A respiração descontrolada parecia defeituosa. O sangue não demorou a atropelar as narinas de uma Carmem imóvel e o telefone do quarto já disparava irritante. Talvez os hóspedes reclamando do barulho, talvez o recepcionista querendo participar da farra. Timóteo abandonou o toque do aparelho e soprou o punho que ardia trêmulo.

Definitivamente, Carmem S. Neves não tinha a carne macia.

## : a proparoxítona

- ... e aí, quando desci, já tava toda soada e...
- Você não é sino.
- Quê?
- O que “soa” é sino.
- E que importância tem isso agora?
- Você ficou suada. Com “u”.
- Por que você tá fazendo isso comigo?
- Por que você errou.

Aquela não fora a primeira correção de português pública de Alceu. A vítima, corada em frente à mira nociva da sala, iniciou o choro torto antes que terminasse de ler a redação das suas férias. O “suor” que a impedira de concluir a trama borrifava gotas nas dobras da sua testa. Alceu não esboçou arrependimento algum. Pelo contrário, continuou a rabiscar sua lista particular de proparoxítonas na mesa. “Léxico”. “Tântrico”. “Frívolo”. A intromissão no discurso de sua única amiga tornou seu aspecto ainda mais estranho aos olhos da professora. Em nome do bom convívio gramatical, perdera sua chance mais real de remover o lacre dos próprios lábios. “Tímido”. A última palavra riscada na mesa antes que a sirene gritasse.

- Vocês ouviram o sinal, meninos, podem ir pra casa.
- Eeeeeeeeeeeeeeeeeeee!
- Menos você, Alceu.
- Algum problema, professora?
- O que há de errado com você?
- Como assim?
- Por que você corrige tanto as pessoas?
- Como professora você deveria saber.
- Não é disso que estou falando, Alceu. Tem algo estranho em você...
- Explique-se melhor.
- É sobre isso que estou dizendo! Você tem doze anos!
- Continuo sem entender. A senhora poderia ser mais clara?
- Tá bom. Quando você humilhou a Ana...
- Sim?
- Havia muitos alunos na sala...
- Havia, professora! Havia!

Alceu desviou o corpo esquelético da professora e atravessou o corredor que o levaria à saída. No caminho, percebeu o rosto inchado de Ana através do vidro que esquadrinhava a porta da secretaria. Não esqueceria nunca a face da vergonha. Avermelhada, tremida, quente e submissa. Em momento algum pensou em se desculpar. O erro havia partido dela. Passou a língua nos lábios virgens e sumiu na multidão apertada. “Sádico”.

Ao chegar em casa, arremessou a mochila no primeiro canto vazio. Passou os olhos nas principais manchetes do jornal e virou um copo de água da torneira enquanto ouvia sua irmã gemer provocações ao telefone.

- Ah é? Humm... vou estar te ligando pra gente marcar, hein?
- Passe-me o telefone.

- Sai pra lá, Alceu! Deixa de ser estranho, garoto!
- Passe-me o telefone, por favor.
- Mas que...

Alceu arrancou o telefone das suas mãos e conversou durante trinta segundos com a paixão adolescente da irmã. Sem esboçar qualquer emoção, colocou o fone no gancho e comentou, sem olhar pra trás:

- Parabéns. Vocês se merecem.
- Seu moleque estranho! Era pra mim falar no telefone!
- Pra “eu” falar! Não se usa “mim” antes de infinitivo.
- Mas que...
- Ele disse que vocês iriam no cinema hoje à noite.
- Sério?
- Quando encontrá-lo diga que o correto é “ao” cinema.
- Ele me ama, Alceu!
- Que bom...

“Histérica”. Anotou a palavra à caneta na palma da mão esquerda para que adicionasse ao seu dicionário improvisado no dia seguinte. Trancou-se no quarto e começou a conjugar uma lista de verbos. Amo, amas, ama, amamos, amais, amam. Beijo, beijas, beija, beijamos, beijais, beijam. Lembrou de Ana. Perguntava-se como poderia ter saído algo tão ignorante daquela boca tão suave. Imaginou um marceneiro obeso declarando Camões. Com certeza seria menos incômodo.

Foi interrompido pelo toque do telefone. Talvez o namorado errático da irmã. Ao puxar o telefone do gancho já podia ouvir a conversa agitada entre as mães: a sua e a de Ana. Prendeu a respiração e acompanhou o choro desesperado que invadia a linha. Ana havia sido encontrada no fundo do lago que banhava o estacionamento da escola. Nos pulmões, alguns litros de água barrenta. Nos pés, uma gramática de nove quilos amarrada com a fita

que, horas antes, adornara seu cabelo.

Antes que devolvesse o telefone ao gancho, Alceu cuspiu todo o ar do peito e sentiu as gengivas secarem. Ainda recuperando o fôlego, agarrou um lápis e riscou no branco da parede:

“Álibi”



# amargo

*“fig. que causa tristeza, dor; penoso, aflitivo.”*



## : barriga d'água

Piolho. Assim era chamado.

Sentado na terra amarela, em frente ao barraco despedaçado em que vivia, acompanhava o sol secar seus anos. Nascido sob as mãos velozes de D. Chica, parteira da vila, veio ao mundo sem chorar. Não conhecia a vida longe do sertão cearense. Água limpa, televisão e fast food desencadeariam um derrame social em sua rotina árida.

Acordava cedo com o canto da avó e, após beijar-lhe a bochecha enrugada, sentava-se no chão morno. Se pudesse escrever um livro, Piolho discorreria sobre o calor e a seca. Embora não soubesse nem rabiscar o próprio apelido, sentia os raios malignos na pele juvenil e a garganta colada. Mesmo imóvel percebia o suor ensopar sua testa. Achava que somente os calangos aprovavam a temperatura infernal, pelo modo alegre como meditavam sobre as pedras em brasa.

- Por que não nasci um deles?

Não ousaria perguntar alto pois seria estapeado pela avó, que o obrigaria a agradecer as pernas e braços, saudavelmente acoplados ao tronco minúsculo.

- Deus te livre, menino! Deus te livre!

Mas de que lhe adiantava a locomoção se os olhos não enxergavam nada além de terra? Riscar a carocuda sola do pé nas pastilhas de barro seco? Nem pensar. Já se considerava distante o bastante pra fugir sem destino.

Algumas vezes divertia-se com o ronco engasgado do velho magricela do barraco da frente. Chegava, até mesmo, a copiar a coreografia do coitado, chamando a atenção da avó para o barulho nojento da tragada de catarro.

- Pára com essa nojeira, menino!

Piolho não respondia, mas parava. Não havia conhecido os pais, nem mesmo por foto. A avó, mesmo com o cheiro amanhecido que tanto o nauseava, representava seu último elo familiar. “Vou tirar você daqui, vovó”, costumava dizer baixinho, mesmo que não conhecesse outro lugar fora do sertão e soubesse que envelheceria naquele solo.

Riscava a areia com um graveto, também seco, e vivia a repetição do filme diário. Velho roncando, seca insuportável, calango dourando as escamas no sol, avó falando sozinha, cachorros sarnentos lambendo as feridas, calor sufocante. Todos os ingredientes da aridez infrutífera encenados diariamente na mesma ordem.

Piolho, que ganhou o apelido por ter mais do que dúvidas na cabeça, consolava-se com a escuridão tímida. O sol, embora insensível, partia pontual. Ao levantar-se do chão sentiu uma tontura, resultado do calor forte e da fragilidade de seus órgãos. Retirou uma colher do bolso e engoliu três bocadas de areia em seguida, sem reclamar.

Preso na garganta, só o choro.

## : quem é você?

Nua. Refletida no espelho do banheiro, a imagem encena a elasticidade da pele sacrificada no tempo. Olhos opacos, ausentes de vida, são encapados pelo peso das pálpebras. O contorno desigual na altura da cintura, condena a gravidez adolescente, choramingada no tesão irresponsável.

O levantar dos braços impulsiona os seios em inércia, lembrando o tempo em que esbanjavam firmeza. Amassados na derme branca, aceitam a derrota etária sem esperança. Nesse momento, considera-se fugitiva do caos siliconado que consolou as poucas amigas, mesmo que a atitude a tenha distanciado do circo ilusório que freqüentava.

As bochechas escorregadias massacram a identidade facial, desfigurada pelos vincos profundos ao redor dos lábios murchos. Recorda-se dos mapas hidrográficos, repetidos nas provas ginasiais, ao alisar as varizes roxas nas pernas. Infinitas linhas sem-rumo, emaranhadas no desistente tecido flácido.

Lembra-se da marca das unhas cravadas nas costas do ex-marido, no dia em que a abandonou. Assemelhavam-se aos riscos paralelos das estrias, pálidas nos traços alvos e raivosas nos feixes avermelhados. Assistira em renomado programa televisivo que as vermelhas poderiam ser tratadas, mas desprezava as promessas. Para ela, somente abririam terreno para o próximo avanço vascular.

Algumas pintas negras, nunca antes percebidas, desenhavam caminhos aleatórios perto do ombro. Parecem querer fugir da pele envelhecida, formada pelas camadas adiposas sobrepostas. O revoltado movimento das mãos, fruto do lapso eufórico, arremessa alguns perfumes contra a pia, confundindo os odores e suas épocas.

- Mãe!!! Que barulho foi esse???

O choro espontâneo, de boca aberta, implora ao tempo a aceitação à dor. As mãos apoiadas na parede amparam a fragilidade desconcertante. Soluçante, nota o apático reflexo repetir seu drama teatral.

- Mãe!!! Abre essa porta! Está tudo bem?

Condenada ao temor realista, refletido na frieza estática do espelho, arremessa o secador contra sua cópia. Cada caco, descolado da parede, subtrai parte da ilusão ao tocar no chão. Disposta a aceitar a lentidão dos próximos anos, satisfaz-se com o esvanecimento aflitivo. Abraça os próprios joelhos, enxuga o rosto com a palma da mão e admite:

- ... que azar.

## : desencontro

- Eu não amo.

Todo reencontro era igual. Mesmo acostumados àqueles desabafos, o grupo não controlava a surpresa. Os casais abraçavam-se e prometiam, com olhos carentes, não deixar aquela aberração anti-sentimental abalar seus futuros. Os solteiros, mesmo que distantes exemplos de companheirismo e fidelidade ao sexo oposto, condenavam a naturalidade das palavras. Os tímidos mal-resolvidos engoliam a respiração, largavam os copos e se despediam, vermelhos. Talvez fugissem do destino desenhado para seus perfis.

- Solta mais uma rodada! O que é amar?

O desafio causava inquietação e a justificativa surgia com a expressão do óbvio. Os casais, com as mãos suadas e sorriso sem-graça, defendiam-se alegando ausência de habilidade comunicativa para descrever o que sentiam. Os solteiros, mesmo que dissessem amar seus carros e apartamentos de frente ao mar, preferiam arremessar o dilema para os tímidos e fingir superioridade teórica. Infelizmente, nenhum deles havia voltado.

- Pega no fundo que tá mais gelada! Amar pra quê?

Por que insistiam em se reunir se o desconforto era geral? Talvez o som da voz que intimidava gerasse força para que prosseguissem caminhando em busca do oposto filosófico. Assim

pensavam os casais, claramente incomodados. Um dos solteiros, disposto a lutar pelos ideais sexistas que defendia, tentava florear um belo discurso. Foi interrompido por um tímido, no auge da vermelhidão, que apenas havia esquecido as chaves do carro mas suava como primeiro dia escolar. Ironicamente, ninguém estava preparado para aquele tipo de aprendizado.

- Outra rodada e troca os copos! Quem diz que ama está mentindo.

Percebeu-se certa desconfiança entre os casais que, já esboçando impaciência com as carícias repetitivas dos companheiros, exigiam maior demonstração do amor defendido. Mais do que isso, cansados dos olhares cúmplices, se levantaram e alegaram compromisso, evidenciando a longa conversa que ocorreria no caminho de casa. Os solteiros fingiram atenderem os celulares e comentaram sobre uma tal festa, em tal lugar, com tais pessoas e que seria imperdível. Disseram ainda estarem atrasados e despediram-se com um aceno, ainda agarrados ao dispositivo móvel.

Mais uma vez ele havia sobrado. Mais uma vez sua tentativa de entender o que sentia, desde o dia em que fora abandonado, não funcionara. Todos os encontros, propositalmente organizados com enorme ansiedade, terminaram sem respostas.

Engoliu uma última vez, juntou seus pedaços e seguiu sofrendo por amor.

## : sem gelo, por favor

- Tenha uma boa estada.

Agradeço esforçando um sorriso preguiçoso e aguardo, impaciente, o elevador que impulsionará minha rotina. Ao entrar no quarto do hotel percebo o cheiro de solidão e perco o olhar enquanto aciono as luzes. Sigo ao banheiro imaginando a transparência das barras de ferro que se escondem atrás dos azulejos cândidos. “Que cadeia mais limpa!” penso, enquanto tiro o terno com a mesma vontade de um stripper. “Por que nossos ternos não são como os deles? Um puxão e... ZIIIIIP!!!” sigo pensando, mas já incomodado com o peso da dúvida. Concluo que a lentidão faz com que a óbvia desvantagem corporal seja atentada aos poucos. “Só pode ser isso!”, sossego.

O escaldante jato d’água maltrata a friúra da pele. Com os braços apoiados no vidro sinto o filete quente escorrer pelo queixo. Talvez se as lágrimas jorrassem com a mesma convicção rejeitariam os pensamentos doídos. Respiro a fumaça quente com força e gargalho, com evidente demência, em homenagem ao isolamento. Urro músicas que me envergonham, posicionando o microfone fantasioso no canto dos lábios. Prevendo o chão escorregadio polio a dança e ajeito a sola do pé sobre o ralo. Lembro do primeiro beijo e faço gestos sedutores que, com certeza, já foram extintos do manual de regras comportamentais entre sexos opostos. Que beijo!

As mãos em concha, preenchidas com espuma, aguardam ansiosas o sopro fatal. Acompanho a chuva dos flocos em lentidão cinematográfica, indagando aos poucos a incoerência da cena enquanto a música tímida choraminga emocionada em minha garganta. O vidro embaçado estimula minha escrita que, sob o comando do firme dedo indicador, psicografa trechos inexplicáveis. Chicoteio a cabeça sem ritmo, declarando a independência dos embaralhados fios encharcados e delirando em alta temperatura.

Entupo as bochechas com água fervente e cuspo com força, desmanchando meu rabiscos literários em segundos. Abrasador, queimante, quase cáustico. Sufoco-me no calor, abano a fumaça, derreto-me aos poucos. Seduzido pelas manchas vermelhas nos ombros, imploro a qualquer autoridade imaginária a eternidade daquele instante.

- AAAAAAAAAAAAAAI!

Alienado no tempo sinto a tempestade gélida atritar minhas costas. A fumaça despe-se covarde. O prazer é castigado pelo tremor dos ossos, que estalam em volume máximo. Fujo do sofrimento e procuro o telefone, enquanto encharco o tapete do quarto.

- Alô??? É da recepção??? Minha água está gelada!!! – desabafo com a respiração curta e tom indignado.

- Estamos com um problema no aquecedor do hotel, senhor. – declara, morosamente, a recepcionista.

- Mas a água quente voltará hoje???

- Difícil prever, senhor.

Desligo o fone e desmorono no colchão, agora ensopando os lençóis. Posiciono-me em posição fetal, já desistindo de lutar.

Seria impossível vencer tanta frieza.

## : plano perfeito

- Pôs os “bagulho” no porta-malas?
- Tudo certo, mano!
- Abasteceu a caranga?
- Tanque babando!
- Então tô saindo fora, mano.
- Tem certeza que vai sozinho numa boa?
- Tenho! Relaxa que eu já passei o plano na mente umas dez vezes!
- Tá na adrenalina?
- Quem não fica, mano?
- Fica na boa que o lance se desenrola na moral.
- Tô ligado. Fui.
- Se cuida.

Tião empurra com vontade o pedal acelerador do opala preto, emprestado pelo primo, seu cúmplice. O tanque de gasolina é chupado a cada troca de marcha, mas o porta-malas precisava ser grande o suficiente pra alocar tudo. Além disso, nunca criticaria o favor feito pelo único parente que não riu de seu plano.

Liga o rádio para acalmar os afiados batimentos cardíacos mas desvia a atenção das notas ao olhar suas unhas sujas. Por mais tentador que pareça decide não roê-las.

A freada brusca no semáforo vermelho chama a atenção para o brilho de sua pele negra, encarado por um casal, com olhar de estranheza na pista ao lado. Tião sentia que já dirigia por ambientes hostis mas não voltaria atrás. Nunca foi disso.

- Se acalma, homem! – desabafava alto com as mãos suadas ao volante.

Decide fechar a janela do opala e reservar apenas uma pequena fresta, suficiente para deixar os olhos desprotegidos pelo insulfime sombrio. Some por alguns segundos em pensamentos. Sabia que, se tudo corresse como planejado, sairia vencedor e pronto para seguir em frente. O que levaria naquela noite seria o bastante para desistir das aventuras que marcaram sua juventude e resgatar o juízo perdido tempos atrás. Poderia finalmente levantar as mãos e gritar:

- Hoje começo uma nova vida! – grita Tião espantando-se com o desvio realístico que seu pensamento tomou, pronunciado pela boca sorridente.

Mas resolveu fechar o sorriso quando se aproximou do alvo, uma casa de dois andares, arquetada por algum nome famoso e com jeito imponente. Não era a primeira vez que passava pelo alvo, mas os batimentos aceleravam de maneira a beirar o enfarte. Esperou por 25 minutos até que o segurança, distraído como de costume, deixasse o portão tempo demais aberto. O efeito surpresa fazia parte do sucesso do plano. Acelerou mais uma vez e freou bruscamente em frente à casa, abrupto o suficiente para que o ruído do freio chamasse a atenção dos que ali estavam. Abriu a porta com velocidade assustadora e correu para o porta-malas gritando:

- Ninguém se mexe!!! Ninguém se mexe!!! Agora quem fala sou eu!!!

Antes que abrisse o porta-malas sentiu suas costas queimando e não controlou o arremesso do corpo à frente. Tocou a

testa no chão sujo e permaneceu imóvel até que a alma encontrasse seu caminho. Todos os funcionários da casa atropelaram-se em direção à porta principal e ainda conseguiram ouvir o desabafo do segurança:

- Essa foi por pouco! Quando percebi o carro entrando vi que alguma coisa estava errada! Foi o tempo de tirar o cano e acabar com esse vagabundo...

Antes que terminasse o discurso heróico, ouve-se o grito estridente da bela morena de uniforme que, atrasada, atravessa a porta curiosa:

- TIÃO!!!! TIÃO!!! O que fizeram com você???

Da boca de Tião nada saía, além do lento sangue escuro. Sofia o agarrou pelo pescoço e debulhou-se em lágrimas salgadas cobrando, com feroz autoridade, alguma explicação para tudo aquilo.

- O que você fez com meu namorado seu filho da puta??? Por que você atirou no Tião??? NÃÃÃÃÃÃÕOOOOO!!!

- Calma, Sofia!!! Aposto que ele tava com tudo planejado!! Entrou como um maníaco aqui e correu pro porta-malas!!! Até imagino a desgraça que ia ser se ele abrisse a tempo o arsenal! Estaríamos rendidos!

- NÃÃÃÃÃÃÕOOOOOOOOOOOOOOOOO!!!

Jorge, o segurança algoz, caminha até o porta-malas em busca da comprovação para seu astuto golpe de raciocínio. Pela primeira vez mostrara sua competência e sentia-se vangloriado por defender o patrimônio da família Pereira. Antes que abrisse por completo o porta-malas, evidenciou o rosto pálido.

- O que foi, Jorge? – questionava Sofia.

- O porta-malas....

- O que tem nele? Desembucha!!!

- O...o....o porta-malas...

- Fala logo!!! O que você viu??? – completa impaciente o jardineiro.

- Um violão, uma caixa de som e uma placa....

- Que papo é esse, Jorge? Placa do que? Fala cacete!!! – gritava Sofia enquanto ainda segurava a cabeça de Tião com as mãos ensopadas de sangue.

- Uma placa com uma frase...

- Fala, Jorge!!! Que frase??? Pára com essa porra!!! – gritava, mais impaciente ainda, o jardineiro.

- Uma placa com a frase “EU TE AMO SOFIA. CASA COMIGO?”

Os funcionários calaram o choro por alguns instantes e assimilaram o real sentido do desespero de Tião. Ninguém falou por alguns segundos, até que Sofia dissesse em voz baixa:

- Que lindo!

Antes que alguém questionasse a sanidade mental da faxineira ela abraçou o corpo, ainda quente, de Tião e completou:

- Você nunca disse que me amava.

## : descanse em paz

- Nessa mesa não!
- Essa é a última mesa não-fumante disponível, senhor.
- A gente espera outra mesa vagar.
- Sem problema, senhor. Fiquem à vontade.

- Carlos!

- Que foi?

- O que deu em você? Estamos esperando há 45 minutos e você desiste da mesa?

- Eu e a Carlinha costumávamos nos sentar naquela mesa.

- Que Carlinha? Sua ex?

- É...

- Desculpa. Não sabia.

- Tudo bem.

Carlinha, que fora namorada de Carlos durante 5 anos, havia falecido em um trágico acidente de automóvel. Madrugada embaçada, pista lambida pela chuva torrencial e alguns jovens

embriagados ziguezagueando nos carros dos pais. Perturbado, ele sempre evitava repetir os hábitos vividos ao lado da ex-namorada. Além de respeitar a memória da antiga companheira, evitava o enjôo depressivo que a lembrança estimulava.

Isadora, a nova namorada, dizia aceitar as manias sentimentais de Carlos:

- Vocês sabem, né? Foi muito traumático pra ele. Somente o tempo pode curar tamanha dor. O importante é que a gente se ama.

Mas, protegida pela confidencialidade da inseparável amiga, desabafava:

- Absurdo! Já disse pra ele parar de remoer o passado! Vai deixar de viver por que alguém morreu? Eu, hein!

O que mais preocupava era a invejável memória de Carlos e sua capacidade em vincular tudo às lembranças do antigo amor.

- O que é isso, Isadora?

- Torta de frango. Eu que fiz, experimenta.

- Mas você colocou milho...

- E desde quando você não gosta de milho, Carlos?

- Eu gosto.

- Então, qual o problema?

- A Carlinha detestava...

Mais uma briga. Mais pratos arremessados contra o azulejo bege. Mais uma noite separados. Ela, no restaurante da esquina. Ele, em casa, jogando as latas de milho no lixo.

- Atende, por favor! Atende...

- Humm... Alô?.

- Amiga! Sou eu, Isadora!

- São duas da manhã... O que aconteceu?

- Foi a Carlinha de novo!

Isadora desabafava soluçante. Desde o início do namoro conhecia os traumas de Carlos, jurando, inclusive, suportá-los. Mas à medida que o namoro avançava, suas neuroses surgiam mais escancaradas.

- Faz o que te falei, Isadora.
- Você acha que vai dar certo?
- Claro que sim! Ele precisa enxergar você como mulher.
- Vou tentar! Brigada, amiga. Desculpa a hora.
- Tudo bem, Isa. Beijos.

Noite seguinte. Isadora veste a calcinha vermelha nova, encomendada especialmente para a ocasião, e aperta o sutiã, da mesma cor, aumentando o tamanho dos seios. Perfuma-se por inteira e alisa as coxas bronzeadas com loção de amêndoas.

Carlos ainda está na cozinha quando é agarrado. Os braços quentes da namorada alisam suas costas, enquanto seu pescoço recebe mordidas fortes. Dominado pelo desejo, Carlos aperta a cintura de Isadora por trás e...

- Parou por que, Carlos?
- Sua calcinha...
- Porra, Carlos! Que foi?
- É que...
- Já sei! A defunta também usava calcinha vermelha, é?
- Não... ela usava azul-piscina, com detalhe de florzinha e...
- Já entendi!!! O que foi então???
- As iniciais da sua calcinha... "CC&S".
- É o nome da loja! "Carícias, Calcinhas & Sutiãs"
- Ah...tá....
- Desembucha, Carlos!
- Carla Castro Souza. Nome completo da Carlinha...

- Chega!!!

Ainda na cozinha, Isadora alcança a segunda gaveta, agarrando a primeira faca cujo cabo pareça confortável à mão.

- O que você vai fazer, Isadora??? Larga essa faca!

- Talvez assim você aprenda a gostar de mim!

- O que você está dizendo???

- Te encontro no meu enterro...

- Não!

A lâmina afunda, silenciosa, na altura do estômago de Isadora, que sofre a dor em voz baixa. O vermelho grosso contorna seu corpo, já largado ao chão, misturando-se ao rubro da calcinha. Abraçado ao corpo, Carlos soluça um choro infantil, carente. Com um beijo na testa, despede-se. Ao caminhar em direção à saída de serviço decide negar o último pedido de Isadora.

Cemitérios o fazem lembrar de Carlinha.

## : o beco

Vinte e duas horas e quatorze minutos. Véspera de Ano Novo. Os sacos de lixo eram carregados por três homens vestidos com macacões brancos, curiosamente limpos. Pelo contorno negro do plástico notava-se o suco encardido forçar uma das pontas. Um deles, que aparentava mais idade pela longa barba ruiva, drenou parte do líquido para uma garrafa de vidro. Aparentemente, nenhuma gota deveria ser desperdiçada. Seguiram por dentro do beco com a certeza de que não seriam seguidos. Não que o brilho suado da cabeça raspada do maior deles não assustasse, mas a simples imagem do corredor ao ar livre tremia os ossos. Pichações com frases políglotas decoravam as paredes com um vermelho incômodo, ruídos mecânicos marcavam o ritmo, restos de uma fogueira feita com ossos de galinha estalavam. O temor não estaria completo sem as mariposas que revezavam as asas no poste de luz, insistente ao falhar.

Sem pronunciarem palavra alguma dois dos “encarregados” dobraram à direita no corredor, onde um bolsão, de arquitetura similar à base de uma masmorra, reservava um cenário não menos curioso. Em funcionamento acelerado uma máquina esmagava os sacos de lixo, liberando em um tubo parcialmente entupido, o resultado líquido daquelas sobras. O terceiro homem, o barbudo que momentos antes enchera uma garrafa com o mesmo fluido, virou-se para a entrada do beco. Após confirmar o horário no relógio sorriu quando um vulto

atravessou lentamente, rodeado por alguns cachorros libertos das coleiras. Sempre pontuais. Um deles abanou o rabo ao farejar o rastro que se condensava e foi repreendido pelo semblante sombrio. “Ainda não, Boris”.

Vinte e duas horas e quarenta e sete minutos. A máquina trepidava em resposta ao ritmo frenético com que os sacos de lixo eram jogados em sua boca metálica. O mecanismo, parecido com um tradicional moedor de cana, fora adaptado para que recebesse restos com maior consistência. Com aproximadamente um metro e sessenta, o gordinho que se apertava no macacão de número errado ajustava os óculos e abria uma caixa de ferramentas. Resmungando através do nariz entupido, começou a ajustar alguns parafusos da máquina, ainda em movimento, enquanto fechava a cara para o companheiro ruivo. “Já avisei que vidro é perigoso!”, gritava o mecânico em súbitos estouros. “Você sabe como é o procedimento. Nenhum lixo pode ser deixado de fora.”, respondia calmamente o colega enquanto alisava, entre os dedos indicador e polegar, o líquido que jorrava do tubo. “Fique tranqüilo, já está perdendo parte da viscosidade. Mais alguns litros de álcool e meio galão de vinagre e vai ficar perfeito”, completou o barbudo sardento.

Distorcido do ambiente, Pierre, o gigante de cabeça raspada, conectava alguns fios a uma impressora que parecia ter sido sucateada por alguma gráfica falida. O brilho da tela do notebook confirmava seu funcionamento, gerando gargalhadas que dobravam de volume na acústica privilegiada do lugar. “Pode começar a imprimir os adesivos porque o galão tá quase cheio”, vibrou o ruivo, deixando claro quem liderava o trio. Após pressionar dois ou três botões, Pierre acenou a cabeça para seus companheiros em despedida. “Au revoir”, disse sério rumo à saída do beco. Precisava se preparar.

Vinte e três horas e cinco minutos. Todo o lixo havia sido triturado. O último teste de viscosidade aprovara o resultado. Um funil verde-limão fora providenciado para finalizar o processo. “Rápido! Agiliza aí e eu vou colocando na caixa”. Novamente, o gordinho ajustou os óculos e despejou o líquido nos recipientes, fechando os

olhos com prazer cada vez que o aroma encontrava suas narinas. “Estamos cada vez melhores... cada vez melhores”, declarou baixinho.

Vinte e três horas e cinqüenta e nove minutos. Empresários, modelos e artistas apertavam-se no famoso restaurante, ansiosos pela contagem final. Os músicos tocavam frenéticos a última música daquele ano. O mître ordenava a sua equipe que preenchesse as taças com o champagne que havia comprado especialmente para a data. “São aquelas garrafas da caixa que acabou de chegar, senhor?”, certificou-se um garçom novo. “Oui, mon ami.”, confirmou Pierre, enquanto seguia com os olhos a matilha de cachorros que se organizava do lado de fora do restaurante.

Cada um escolhendo a próxima boca que lamperia.

## : estátua viva

O portão forçava as laterais na tentativa de conter o fluxo desesperado. Cachorros de raças distintas, algumas sequer conhecidas, confundiam coleiras ao insistirem em cheirar rabos vizinhos. Policiais temporários sugavam as gengivas interdidadas com restos da última refeição. Flanelinhas organizavam um sofisticado sistema de logística: “passou do segundo semáforo? Perdeu, Jão! Tá na minha área”. Ciclistas desprezavam a lentidão idosa ao revezarem a desgastada ciclovia com as calçadas lotadas. O sol ácido ressecava a pele e feria os olhos, protegidos por óculos falsificados. Estilosos, mas falsificados. O ritual em busca do duvidoso descanso guardava nome e data marcada. Parque do Ibirapuera. São Paulo. Todos os domingos do ano.

Os blocos humanos formavam-se com velocidade espantosa. Alguns manos estufavam os peitos e escolhiam o time de basquete: “cadê o patrão que trouxe a bola dos Lakers? Foi aquele baixinho de óculos? Aí, truta! Escolhe em qual time quer jogar”. Mães recém consagradas com o título empurravam seus carrinhos na esperança de reconhecerem o próprio corpo novamente. Pais saídos de roteiros publicitários ensinavam os filhos a andar de bicicleta: “olha a gorda, filho! Olha a gorda!” Casais caminhavam abraçados, planejando um futuro viável somente naquele cenário pacífico e de entediante verde: “e se a gente montasse uma pousada em Floripa e transasse todas

as manhãs sob o nascer do dia?” No entanto, ninguém chamava a atenção como o personagem imóvel que ofuscava seus fãs com um sedutor brilho dourado. Fantasiado de retirante estava Lucinaldo, a Estátua Viva.

5:30 da manhã. Esse era o horário em que Lucinaldo costumava acordar com o barulho dos barracos vizinhos ou do ronco da companheira. Ainda no travesseiro, reservava treze segundos na tentativa de entender o que o levava a casar com a prima. Dez anos depois, só sabia que era melhor agarrar-se à crença do número “treze” do que à própria mulher. Molhou o cabelo sem lavá-lo, recheou um pão endurecido com margarina e dividiu as remelas com o cobrador de sempre. Duas horas depois, já se alongava no Parque do Ibirapuera, lambuzando sua pele com tinta dourada. “Não, não é tóxica!”, repetia para algumas madames que insistiam em alertá-lo contra os perigos de um câncer cutâneo. No fundo, Lucinaldo sabia que pobre morria de tuberculose, tiro, nó-na-tripa e desgosto. Nunca de câncer.

O trabalho não tinha segredos. Deveria ficar imóvel como uma estátua até que alguém, fosse por reconhecimento ou pena, o contemplasse com algum trocado. Neste instante, como um feto desdobrando-se na bacia hospitalar, mudaria de posição e arrancaria desordenados aplausos. Até aquele domingo o roteiro não sofrera revisões. Até aquele domingo.

Perdido entre a multidão que encarava o imóvel homem dourado – “calma, querida, uma hora ele vai acabar mexendo” – um gordinho suado arrasta o pai impaciente. Lucinaldo sonhava com o almoço, o medo desconhecido de viajar de avião, a rapadura que nunca mais comeu, o número treze, mas nunca com o falatório que o cercava. Somente o estalo da moeda em sua latinha era capaz de trazê-lo à realidade. “Merda, mais uma de 10 centavos”, pensou exigente.

Antes que obedecesse ao ritual, percebeu o sorriso sarcástico da gordurosa criança, como se esperasse o prêmio que nunca recebeu em competições esportivas da escola. Segundos após notar o homem que apoiava os braços no ombro do filho empolgado,

Lucinaldo sentiu os músculos comprimirem. O sangue parecia congelado e a respiração alterou seu funcionamento. A dor aguda atravessava suas coxas, forçando-o a esmagar os dentes. Um Lucinaldo petrificado sentiu a aproximação da raiva cusvida do pai. “Por que ele não mexe?”, perguntava quem assistia. O gordinho estourou um choro abobado, enquanto exigia o movimento a que tinha direito. “Ué, querida! Ele pagou pelo serviço”, comentava um advogado, eterno repetente no exame da Ordem dos Advogados, em defesa do menino. Lucinaldo não conseguia parar de pensar no número treze e no ronco masculino da mulher. Os punhos do pai herói o ameaçavam. Sentia uma vontade absurda de urinar. “Que zona é essa aqui, porra?”, gritavam dois policiais de aparência corrupta. “Preciso muito mijar”, pensava a estátua viva. Alguns manos batiam os skates no chão, provocando a tensão da multidão. Cachorros arfavam excitados. A última lágrima do pirralho misturou-se ao chão imundo. De repente, todos congelaram suas posições.

O silêncio repentino esquentou a mente de Lucinaldo. Viu-se erguido por um grupo de mulheres nuas e de unhas vermelhas. Do alto, enxergou seu corpo dourado esquecido no chão. Em câmera lenta, lembrou do vôo dos dedos calejados em direção à parte frontal do seu crânio, borrando sangue e tinta. Uma insistente música de elevador não permitia que ouvisse qualquer som que decifrasse seus últimos instantes. Contou até treze mentalmente, imaginou a prima vestida de preto e deixou as dores para trás.

Juntamente com a pior câimbra da sua vida.

## : trote

- Dá um trocado, tio!

Ah, não! Mais uma crônica batida sobre a indecente miséria brasileira e sua semente em um sistema de distribuição de renda desigual. Ou melhor, outro desabafo social afogado na esperança rasa de que não há paz sem choro. Felizmente, ou não, este texto não tenta entupir-se de metáforas para vangloriar o desespero faminto dos pedintes comuns. A apelação de tom submisso fugiu da boca de um personagem estreante. Peça de um ato só, espera-se. Figura clássica, conhecida, e que insiste em manter a tradição.

Mas nossa figura não estava só. Cópias de dimensões diversas amontoavam-se entre automóveis, fermentando a ira de motoqueiros de olhar malandro. Nos carros, alguns avistavam o avanço pelo retrovisor e levantavam os vidros. “Vocês não tem nada melhor pra fazer, seus vagabundos?”, reclamavam. Curiosamente, outros estimulavam a aproximação, mais para fazerem parte do espetáculo grotesco do que pelos trocados cedidos. “Você é muito gostosa, sabia? 5 centavos tá beleza?”

Cigarros também eram aceitos como alternativa monetária. “Cigarro vale! Cigarro vale!”, confirmavam algumas figuras encostadas, atuando como supervisores da operação. Diferentemente das mães pobres e nanicas, que se disfarçam de sujeira para vistoriar o desempenho dos filhos, esses preservavam o

sorriso e mostravam-se “cheios de marra”. Motoristas pegos de surpresa protegiam-se, “nem a cacete, esse cigarro é o último!” Mas a força que impulsionava o bloco e mantinha a exploração ativa não permitiria que a negativa afetasse o resultado. “Vamo arrecadar, seus inúteis!”

A maioria exibia pinturas exóticas, marcadas com habilidade duvidosa e com pressa óbvia. Os menos tímidos, ou talvez, mais espertos, abordavam automóveis em duplas. Coreografados no improvisado do momento, alternavam versos abestalhados e sem sentido.

- Oi! Eu sou a Carol!

- E eu, a Lú!

- Eu vou cantar!

- ... e eu vou dançar!

- Humpf! Por mim...

- Cigarro vale, hein?

- Pririri, piriri, piriri...

- Lú!!! Olha a moto!

- Que mo...

Caso isolado. A aproximação bem feita realmente aumentava as chances de sucesso.

Horas depois a tarefa continuava. A tinta sofria o calor do sol, escorregando pelo rosto exausto de quem se esforçava para estender a mão. “...um trocado... por... favor... cigarro... vale... por...favor...”, balbuciava uma gordinha de óculos embaçados. “Ainda falta! Ainda falta!”, berrava o recém nomeado tesoureiro do grupo, encostado em um poste encardido entre um gole de cerveja e outro.

Percebeu-se junto aos supervisores, alguma garotas sorridentes. Apesar de fingirem estar de passagem, os cabelos alisados, a roupa impecável e a maquiagem recente apontavam o ritual prévio. Além disso, equilibravam-se nos saltos da moda com a

sutileza de um cangaceiro. Aceitaram um gole de cerveja e ficaram para assistir o espetáculo de camarote.

- Nossa, Edu! Esse ano tá um puta astral!

- Sussa...

- Dá um gole dessa breja?

- Só...

- As férias te fizeram bem, hein, gato?

- Pela ordem...

- Fica comigo?

- É nós...

Quase anoitecendo, o apito estridente avisa que podem parar com a arrecadação. Lenta e ainda manchada de tinta, a mão-de-obra acomoda-se em qualquer espaço vazio na calçada. Percebe-se que alguns massageiam as coxas doloridas. Outros, alisam as bolhas de sol na testa. O tesoureiro confere o saco de moedas. Confirma com um sorriso o saldo positivo. Todos se atropelam em direção ao boteco mais próximo.

Enquanto um dos supervisores sugere o primeiro brinde e ensaia algumas palavras sem sentido, a garrafa de cerveja é arrancada de sua mão. Diante da multidão muda que vaza pela porta do bar, a gordinha de óculos chupa o gargalo e engole todo o líquido gelado com olhar maníaco, deixando parte escorrer pelo pescoço de dobrinhas brancas. Segundos depois, solta um arrote desafinado e cai sobre a mesa, espatifando alguns copos de pinga e derrubando o radinho de porteiro que sintonizava o último sucesso do Calypso. O dono do bar é quem dá a sentença: “a gorducha aqui, tá sem pulso! Quem vai pagar o estrago?”

Um aluno veterano, responsável pela organização das famosas festas da faculdade, balança a cabeça, conversa com o proprietário lesado e ordena:

- Vamo lá, cambada de inútil! Cigarro vale! Cigarro vale!

## : roupa suja

Preciso de pó! Não, esse não, o de café. Apenas duas colheradas pra fazer o melhor cappuccino que alguém já provou. Juro que é verdade, está na embalagem. Assim como os bizarros frutos do guaraná são inofensivos e a camisinha é noventa e nove vírgula nove por cento segura. Se eles usaram? Duvido. Aposto que era parte do perigo, do tesão, da aventura, do... ah... sei lá. Quem se importa se cada roçada fazia barulho de bexiga infantil raspando nos dentes? Não, você está enganado, eu me importava, não me importo mais. Você devia respeitar os mais velhos. Aliás, muda alguma coisa ou é só curiosidade pra passar o tempo? Tá bom, tá bom... merda! Calma, não é com você, é essa água suja sem gosto que estou bebendo. Não posso comprar açúcar, esqueceu? Aliás, nem sair desse hotel pra fumar um cigarro eu posso. Pode tirar sarro, mas você não tá nessa tranqüilidade toda, não. Você acha que é o último a ser questionado, mas do jeito que o mundo tá doido são capazes de começar por você. Ainda bem que eu percebi que você era burro demais pra isso e não te levei junto. Ah, tá bom, você se sairia melhor do que eu? Nem cicatrizar essas bochechas espinhentas você consegue. Grandes merda que você é corajoso! Esse negócio era muito mais cabreiro. Precisava de raiva, olho estourado, dedo mole, dentadura gasta, prazer. Lance profissional. Sabe aquele papo de efeito surpresa? Então, é mais ou menos assim, respirou na hora errada acaba com o esquema. E vai saber a sua reação na hora? Esse lance de vínculo não dá pra explicar, simplesmente acontece e

fode tudo. Ah, tá, você fala isso agora que tá tudo feito. Vai dizer que não pensou em tirar essa loucura da cabeça e ir viajar pro Guarujá com as gostosinhas da rua? Sério? Tá namorando? Pagou quanto? Brincadeira, pivete, é que você só faz burrada e nunca foi o garanhão da mulherada. O que? Eu não sei o que estou dizendo? E aquele cabelinho suado toda vez que saía do banheiro. Todos os seus amigos na balada, fumando um, alisando as menininhas e você em casa, alisando o menino. E essa guria? Sabe do esquema? Porra! Mas você é burro demais! E ela deve ter algum retardamento pra continuar com você. Como assim, ela te ama? Você bebeu gasolina? Tá bom, tá bom, então me responde o seguinte... calma, porra, apenas me responde... ela sabe do dinheiro? Puta merda, você é um ganso mesmo. Escuta aqui, eu só aceitei porque era meio a meio. Você se vira pra repartir a sua parte com essa putinha. Quê? Foda-se que ela tem nome, pra mim é uma sem-vergonha sem rosto, sinto o cheiro de longe. Mas você não, sempre dando uma de babaca. Que pergunta é essa? Você sabe que eu dependo de você pra receber a minha parte, não precisa dar risadinha de malandro. Aliás, nem tenta dar uma de esperto porque eu conheço você muito bem. Tá bom, relaxa, o pior já passou, tá feito. Você tá onde eu te falei pra ficar? Beleza, não esquece de guardar o comprovante do estacionamento com o horário de entrada e saída. Porra, cacete, comprovante, recibo, nota fiscal, segunda via, boleto, qualquer coisa! Se eu sempre fui mal educado assim? Você me conhece muito bem, é só parar de fazer pergunta idiota e eu fico na minha. Não, não foi por isso que eu saí de casa. Bom, depois você faz aquela ligação do seu celular e deixa o recado que a gente combinou na secretária. Não, gênio, não tem perigo de ninguém atender o telefone. O resto você já sabe, é só aparecer lá e ligar pra polícia. Quê? Mas pra que você quer levar essa infeliz junto? Tá, tá, menino apaixonado, qualquer coisa fala que vocês passaram a noite juntos. Não se preocupa, o resto deixa que a polícia conclui sozinha. Ninguém vai ter saco pra investigar a fundo a putaria dos outros. Ela, a gente conhece bem. Ele, você mesmo disse que tinha uma lista de inimigos. Mel com açúcar. Ligar amanhã? Nem adianta. Vou ficar dois meses em algumas cidades do nordeste pra não dar na cara. Fica tranquilo que eu encontro você. Beleza, então,

eu telefono quando perceber que as coisas esfriaram. Abraço e se cuida, hein! Quê? Mas pra que você quer saber como foi? Que besteira é essa agora? Estavam do jeito que você avisou, pelados no sofá da sala, um em cima do outro. Só precisei entrar e mandar duas balas na cabeça de cada um. Se ela sofreu? Nadinha, morreu do mesmo jeito que viveu. Sem dar um gemido sequer.

Bem típico da mamãe.



# doce

*“fig. que agrada aos sentidos e ao espírito”*



## : chato crônico

Isaías nascera com uma doença, pelo menos a tratavam como tal. Era incapaz de mentir, ou melhor, esconder sua sinceridade. Excesso de verdade e incapacidade de ser falso definiam seu perfil. Isaías sofrera desde seu nascimento de algo que os médicos diagnosticaram de chatice crônica. Não poderia ser diferente, ninguém suportava ouvir a verdade.

- Meu filho tem andado estranho doutor!

- E aí, garotão? Tudo bom?

- Não!

- Dá esse remédio a cada 8 horas durante 7 dias e não volte mais aqui.

Na escola não era diferente.

- Bom dia, criançada!

- Bom dia, professora – obviamente Isaías não fazia parte do coro. Estava tendo um dia péssimo.

- Alguém aqui não fez a lição?

- Eu.

- Por que não, Isaías?

- Preferi assistir desenho.

- Você acha que tenho cara de idiota?

Isaías não fazia por mal. Era um menino doente!

- SIM!

Isso sem falar nos almoços aos domingos com toda a família reunida. Os cochichos entre os tios não tinham fim.

- Nosso sobrinho Isaías é meio estranho né?

- Você tá de implicância. Ele é só uma criança. E aí Isaías, tava com saudade do titio?

- Não só não estava como ouvi a mamãe reclamar a semana inteira que teria que cozinhar pra esse monte de mortos de fome.

- Humpf! Moleque estranho!

Claro que sempre havia aquele priminho interesseiro.

- Desembucha, Isaías.

- Nossa prima Maria disse que pega fogo cada vez que te encontra.

- Fala mais, moleque!

- Ela está grávida e o filho é seu, mas acha melhor esperar você arranjar um emprego pra contar.

- Quê? Toma 10 contos. Caso perguntem por mim fui ser voluntário nas Forças Armadas!

Não era culpa de Isaías. Era um menino doente!

Passaram-se 20 anos e continuava o mesmo. No entanto, estava casado. Ninguém entendia como poderia haver mulher no mundo que suportasse um homem daquele. Sempre metido em encrencas e patologicamente debilitado. Pior era pra conseguir emprego.

- Humm.. Sr. Isaías não é?

- Sim, senhor.

- Por que escolheu nossa empresa?

- Por que foi a única porcaria que sobrou. Estou ciente também que paga mal, explora o funcionário e sonega impostos.

- Hum... Como você sabe essas coisas???

- O meu amigo José trabalha aqui há 12 anos e me alertou.

Ex-amigo.

Isaías era assim. Perdia as amizades como quem perde o ônibus. Seu consolo era chegar em casa e encontrar sua querida esposa.

- Oi, Isaías. Como foi hoje?

- Três amigos a menos.

- Não. No emprego!

- Não foi. Questionei os valores morais da empresa e fui mal interpretado.

- Ah. Não fica assim não. Vai dar tudo certo.

Isaías então mira os olhos de sua esposa e dispara um longo beijo apaixonado, aproximando os lábios de seus ouvidos e sussurrando:

- Te amo, mulher!

Agora tá explicado.

: hummmm...

- Humm...
- Que foi?
- Gostoso.
- Eu?
- Não.
- O que então?
- Esse doce.
- O que é?
- Humm...não sei.
- Não sabe?
- É docinho.
- Isso eu sei, você já disse que é doce!
- Grosso.
- Eu?
- Não, o doce.
- Ah...
- Humm...

- Que foi agora?
- Acho que tem nozes.
- Vai demorar muito com isso?
- Tô em dúvida.
- Dúvida do quê??
- Se são nozes ou amêndoas.
- Deixa eu provar.
- Não.
- Não?
- Não tem mais.
- Ao menos você volta ao normal.
- Humm...
- Que foi??
- Tô enjoada.
- Do doce?
- Não.
- Do que então?
- De você.
- Quer que eu vá embora?
- Quero.
- Então tchau!
- Espera.
- Que foi?
- Apaga a luz.
- Humpf!
- Humm...

## : de pernas pro ar

- Rápido! Coloca o cara na maca e corre pro Pronto Socorro!!!

O nauseabundo cheiro de hospital disfarçava-se entre os gritos de pânico das famílias que suplicavam atendimento. Deveria sentir-me importante por cortar a infinita fila de crianças de colo anêmicas, agarradas em ursinhos gastos, e idosas com tosse rasgada. Mas algo estava errado. Além de não conseguir sentir as pernas, não lembrava dos momentos que antecederam o berro da ambulância. Nem mesmo era capaz de distinguir as faces que me conduziam naquele labiríntico corredor gelado. Mas preferia confiar no deslize da maca enquanto contava as luzes no teto, antigo hábito de infância.

- Qual é o caso?

- Atropelamento, doutor. Escoriações faciais, fratura no braço esquerdo e membros inferiores sem reflexo.

Sempre fui seduzido pelas palavras difíceis, capazes de vangloriar termos toscos em sublimes desfechos poéticos, mas naquele momento, sentindo cada vez mais as dores, somente desejava clareza. As veias eram perfuradas sem que pudesse contestar o desconforto. O corpo sorvia outra unidade de sangue com agonizante sede, enquanto os corredores pálidos mapeavam o confuso itinerário. Percebi soluços de choro, mas preferi não saber de onde vinham.

- Acredito que o paciente tenha lesado a espinha doutor.

A troca de informações, enquanto abaixavam minhas pálpebras e direcionavam feixes de luz em minhas pupilas, elevava minha importância. Lembrava de minha infância desiludida, ausente de amores e alegrias e imersa em assovios solitários. Toda aquela atenção mostrava-se incompatível com as ausências vividas. As doenças ocasionais eram curadas com receitas caseiras que transformavam qualquer erva, misturada em água, em remédio.

- Os danos na espinha são irremediáveis. Cuidaremos das demais fraturas, mas a paralisia é permanente. Não se sinta culpada porque as ruas são mal sinalizadas e, caso não o tivesse trazido a tempo, nem vivo ele estaria.

Desviei a atenção das luzes e percebi sua presença. As lágrimas escorriam pelo rosto claro e desmanchavam no desenho de seus lábios. Nem mesmo o choro seria capaz de machucar tanta beleza. Ao perceber minha atenção colocou levemente a mão quente sobre a minha, sem se importar com o sangue colado aos meus dedos e desabafou com sedutora rouquidão:

- Você não vai mais andar... Me desculpe...

Tentei movimentar a perna esquerda e confirmei a sentença. Sua mão apertava a minha com mais força. Lamentei o acidente e acompanhei seu rosto molhado aproximar-se do meu ombro. Quis beijá-la, mas, evidentemente, essa idéia mostrava-se inoportuna. Esperei o deslize de mais uma lágrima e a desculpei com um sorriso.

No fundo, senti-me aliviado por não poder correr daqueles olhos.

## : turbulência

Militares enxugando o suor da testa. Tráfego aéreo congestionado. Centopélicas filas de espera nos aeroportos. Telefonemas confidenciais sussurrados nos corredores. Ademar, controlador de voo veterano, acompanhava distraído alguns comentários na sala de controle.

- Precisamos desmilitarizar!!!
- Você está louco??? E a pressão do governo???
- Dane-se o governo!
- Mas e o apoio político para o laudo oficial?
- Putz! Se descobrirem o caos que está isso aqui...
- Nem brinca!
- Além disso...

O oficial gordo, de óculos apoiados na ponta do nariz, parou. A algazarra das discussões se calou para que o atrito do salto alto fosse ouvido. Cabelos loiros compridos, curvas desconhecidas naquele setor e olhos azulados. O cubículo, entupido de machos suados, estranhava a chegada do perfume suave.

- Olá!
- OLÁ!!! – respondeu em coro a parede masculina.

- Sou a nova estagiária do controle de vôo.
- Sra... Isabela, não é? – antecipou-se o supervisor.
- Isso. Começo hoje o treinamento.
- Seu instrutor será o Ademir. – Ademir!!!
- Pois não?
- Esta é a Isa. Posso chamá-la assim, né?
- Isabela está ótimo.

- Er..hum...bom... Ela é responsabilidade sua, Ademir! Boa sorte! – ironizou.

Ademir sabia que novas contratações seriam feitas, mas não conseguia disfarçar o desconforto.

- Está tudo bem?
- Sim... bem... é que não sabia que contratavam mulheres, principalmente nesse período turbulento.
- Engraçado...
- O quê?
- “Período turbulento”. Trocadilho sugestivo para um controlador de vôo, não é?
- Bom... Vamos começar, então?
- Claro. Ademir, não é?
- ... Er... isso mesmo.

Poderia ser mulher, criança, travesti, velho, magro, gordo, amarelo, índio, anão. Não importava. O que angustiava Ademir era seu sorriso brilhante, o olhar oceânico, a forma como elevava a sobrancelha entre cada cruzada de coxa... e o corpo. Que corpo! Imaginava Isabela surfando com as amigas da faculdade, rebolando até se acabar em salões de forró, bebendo cerveja e fumando com os colegas da capoeira. Menos naquela cabine do controle.

- Pode sentar aqui.
- Obrigada.

- Este é o computador que controla parte dos vôos.

- Perfeito.

- Cada um desses pontos indica a posição das aeronaves no espaço aéreo.

- Certo.

- Nesse monitor aqui você acompanha as decolagens e pousos.

- Ok.

A aula sobre botões, relatórios, planilhas, radares, pontos-cegos e códigos de comunicação fazia o relógio correr acelerado. Ademir, acostumado com a usual morosidade de sua função, não percebera o anoitecer até que Isabela levantou-se da cadeira.

- Quer mais café?

- Quero, sim, Sra. Isabela. Obrigado.

- Pode me chamar de Isa.

- Tá bom... Isa.

- Melhor assim, não acha?

- Acho...

- Aliás, todo mundo já foi embora. Você fica sozinho aqui a noite toda?

- Na verdade, não. Mas com esses probleminhas de congestionamento aéreo e falta de funcionários acabei ficando responsável pelos plantões da semana.

- Melhor pra mim, né?

- Er...hum.. Puro!

- O quê?

- O café.

- Ah, tá. Pronto.

- Obrigado.

Os primeiros trovões podiam ser ouvidos da cabine e a chuva ensaiava o espetáculo. Entre sorrisos cúmplices, Ademir e Isabela percebiam-se na mesma frequência. Enquanto estudavam os vôos seguintes, Isa assustou-se com um relâmpago mais violento, agarrando a mão do tutor.

- ... Desculpa.

- Tudo bem. Com o tempo você se acostuma com as oscilações meteorológicas na pista.

- Eu sei. Tomara que demore.

- Por quê?

- Sua mão me deixa mais tranqüila.

Ademir dedicava-se à função com inexplicável atitude. Cobrava maior responsabilidade dos colegas de setor e melhores condições de trabalho para a classe. O banco de horas extrapolava a decência trabalhista. Indignava-se quando assistia às críticas violentas condenando a competência dos controladores de vôo e as cansativas esperas. Mas, naquele momento, nada disso parecia incomodá-lo, nem mesmo as luzes do painel. Sob o som da chuva, devolveu o aperto de mão à Isabela com similar pressão, aproximando seu rosto.

- Você é linda, Isa.

- Brigada. Também achei você um coroa “gato” quando entrei na sala.

- Posso beijá-la? – perguntou sem prática, em português clássico.

- Claro que sim... mas...

- O que foi?

- E os computadores?

- Não se preocupe.

Antes que Isabela prolongasse o questionamento, Ademir arrancou os computadores das tomadas, segurou seu corpo jovem e a amou sobre os botões coloridos.

Sem maiores atrasos.

## : amor bandido

Hoje entendi a miséria deplorável que decora a fragilidade do morro. Aceitei a desculpa rasa que explica a ação marginal como alternativa de combate às indiferenças. Implorei por condições racionais de sobrevivência para a homogênea massa carente. Defendi o crime momentâneo e inofensivo que visa suprir necessidades instantâneas, assim como o orgasmo. Gritei meu apoio desafinado aos grupos engajados em combater os tentáculos da pobreza. Concordei que os "abastados" devem manter os flagelados "abastecidos". Afirmei a necessidade de políticas eficazes que favoreçam as oportunidades sociais. Admirei a habilidade inerente dos filhos da exploração e suas bolas de tênis imundas. Condenei o encarceramento prematuro das figuras paternas que roubam pão e leite para suprir o desespero nutritivo das crias remelentas. Arrependi-me do materialismo maçante, aglomerado em espaçosos metros quadrados sem direção. Arremessei ao alto as notas coloridas e amassadas que sustentam meu vício classe média. Troquei palavras de conforto com o corpo bêbado que tentava me convencer sobre suas intenções éticas. Fuzilei na retina um grupo de broncos fardado, enquanto surravam moleques sem rumo ou culpa. Cantarolei os refrões malandros que, além de acalmar a tensão dos ansiosos, realçam a pertinência cultural produzida no seio da pobreza. Encarei o playboy estufado que insistia em pisotear as tentativas do sem-teto em conquistar abrigo. Resisti à refeição sofisticada, disfarçada em

óleo primeiro-mundista, para salivar a criatividade dos ingredientes corriqueiros. Condensei-me no bloco que se amarrotava no transporte público, sob o olhar cáustico do cobrador. Desliguei-me das amarras fúteis que desperdiçavam meu suor adocicado. Abri caminho para o pivete audacioso que corria com trocados inúteis em direção à própria liberdade estomacal. Desliguei o motor de propósito, impedindo o avanço traiçoeiro das viaturas berrantes. Sofri sobre os números que confirmavam a matança aleatória nos guetos sem controle. Despistei o aroma do tráfico, borrifando jatos exagerados dos perfumes trazidos do exterior. Doei vestes de grifes para homens disfarçados de trapo, repetindo o mesmo pano amassado no meu corpo descartável. Enxerguei arte no grafite melancólico que corria acelerado nas portas da lata ferroviária. Desobedeci às condutas exageradas que condicionam o caminho insolente e padronizam o comportamento estático. Reconheci a hierarquia do morro como estrutura organizacional superior à caótica pirâmide política que elegemos. Troquei minha riqueza acumulada por festas intermináveis e pactos de honra vitalícios. Rasguei diplomas decorativos, enquanto iniciava o aprendizado complexo dos que evoluem sobrevivendo. Apresentei-me aos novos familiares, enquanto ouvia trechos de fichas corridas serem pronunciadas com louvor, entre aplausos. Senti minhas pernas quando invadiram minha fala atirando cápsulas de rancor. Foi quando ouvi sua voz calma novamente, sorrindo a esperança acelerada e dizendo que havia feito a coisa certa.

Nesse momento, entre balas perdidas, sirenes estridentes e policiais em fúria, sorri minha inocência e aceitei seu amor bandido.

## : fã número um

Olá.

Você não sabe quem eu sou, mas acompanho há alguns anos seus passos. Enxergo em você vertigens de alegria que estimulam meu próprio caminhar. Calma! Não se assuste. Não sou do tipo perseguidor, que espreita suas vítimas com olhar confuso e gestos assustadores. Na verdade, você é quem se atira na minha rotina diária sem permissão ou cerimônia. Acredito que esse abuso espontâneo foi o que mais me seduziu. Essa facilidade em interagir com aqueles que pouco atentam sua presença esganou meus receios.

Ah, ainda me lembro como se fosse hoje. Desde a primeira vez enxerguei um vínculo abstrato, paradoxal, entre nossos olhares. Contei mentalmente um intervalo enxuto de desassossego entre as bolhas de insegurança que partilhávamos sem saber. Percebi um recheio criativo muito maior do que aquele escancarado nas suas ações.

Mudei, inclusive, caminhos decorados à exaustão quando notei sua ausência por uns dias. Senti-me maltratado e desconfiado. Por que você havia mudado a trajetória sem avisar nada? Cheguei a pensar que se escondia da verdade que não conseguia suportar. Peço desculpas por ter sido tão precipitado em meus pensamentos. Percebi depois que a mudança de rotina era apenas uma válvula

para a demonstração de sua superioridade frente aos que temem adaptarem-se ao caos.

Por isso preciso da sua presença! Como conseguiria elevar minha percepção sem as lições que esbanja sem perceber? De onde você resgata a força para driblar a indiferença dos tolos em evolução retrógrada? Desculpe o abatimento verbal, mas enxergo neste rabisco a chance de dormir tranquilo. Não queria que a minha culpa competisse labirinticamente com as falhas que você evita.

Aliás, invejo este núcleo vital que reflete das suas ações. Quem sabe não podemos debater a fonte criativa que transborda da sua fala? Isso mesmo! Já conversamos algumas vezes, mas controlei as dúvidas que latejavam em minha cabeça pelo receio ingênuo de ser mal interpretado. Inclusive registrei alguns debates calorosos com vozes distintas e vibrei com o desfecho encontrado em suas palavras simples. Gritei a vitória no silêncio do meu mundo, enquanto você simulava um sorriso corriqueiro. O improvisado que sustenta o seu discurso merece aplausos.

Perdoe minha covardia ao destrinchar seus movimentos e impor um sentimento latente, que temo não ser correspondido. Mas insisto, descrever a visão do abismo e a negritude do asfalto que se estende aos seus pés, permite que a fragilidade ideológica que defendo seja fortalecida.

Como não quero assustar com esse exagero de confidências, acho coerente encerrar essas palavras por aqui. Mesmo que você desconheça os detalhes que compõem minha face, saiba que continuarei a contemplar sua astúcia.

Seja equilibrando bolas de tênis ou pendurando sua esperança em fartos saquinhos de balas.

## : vou fazer uma tatuagem

Gustavo foi o tipo de adolescente que cresceu amparado na coragem dos outros. Viajava para a praia, mas estava sempre bizuntado de protetor, escondido sob o guarda-sol. Na hora das fotos, jogavam sobre seus braços uma prancha de surf qualquer. Aparecia lindo na revelação. Na formatura do colegial fotografaram seu corpo abraçado em uma garrafa de pinga. A embalagem era verdadeira, mas o líquido era a mais pura água mineral da região. Flash disparado e pronto. Gustavo agradeceu aos amigos e voltou a dormir.

Quando combinaram de pular de pára-quedas, ficou preocupado. Como forjaria uma situação tão inusitada? Felizmente seus amigos, grudados desde a infância na rua em que moravam, nunca o deixaram na mão. Uma taxa adicional permitiu que Gustavo fosse fotografado com todos os aparatos, agarrado na porta lateral do monomotor. Flash disparado e...

- Ficou ótima, Gus!
- Valeu! Agora vocês já podem decolar.
- É isso aí! Já, já a gente se encontra.
- Tá...
- Espera na sombra porque o sol tá forte.
- Pode deixar.

Nem mesmo a mãe sabia da covardia do filho. Os encontros semanais com as amigas do bairro rendiam elogios às habilidades de Gustavo. Notas excelentes sem perder o lado aventureiro, esse é meu filhão. Assim ele era vendido à vizinhança. Na estante da sala as provas conclusivas: fotos do rapaz fazendo carinho em um leão, que fora sedado pelo amigo biólogo de Gustavo, segurando um peixe espada, empalhado às pressas pelo tio do mesmo amigo, pronto para pular de pára-quedas... como vocês já sabem.

Mas uma das imagens transpirava verdade. Escondida entre as fotos de Gustavo na grade anti-tubarão e correndo da polícia, arranjada pelos amigos que foram aceitos no alistamento militar, havia um beijo. Aliás, o beijo. A análise mais detalhada confirmava: os lábios grudados na morena de corpo magro realmente pertenciam a ele. Sem truques ou encenações. Flash disparado e ponto. Nunca mais se viram.

Mas foi com essa lembrança que acordou gritando e encharcado de suor às 5 da manhã. Prevendo o desespero atropelado da mãe, gritou do quarto que estava tudo bem. Mentira. Gustavo sentia um aperto estranho, igual a quando achou que morreria em uma encenação no globo da morte, feita por um amigo que bebera demais. “Devagar, Jorge! É pra fingir!” Percebeu que o melhor momento da sua vida, aquele beijo, fora verdadeiro. Levantou correndo, ligou o computador e preparou o e-mail.

“Caros amigos, hoje decidi abrir mão da farsa que criamos juntos. Agradeço o esforço de vocês durante todos esses anos. Aliás, desculpa por ter vomitado na sua blusa, Magrão. A encenação do sushi fica pra uma próxima vez. Enfim, quero ser eu mesmo. Ou melhor, mostrar que posso ser como vocês, sem truques ou teatros. Por isso está decidido... vou fazer uma tatuagem.”

Mal amanhecera e o celular de Gustavo já disparava. Amigos querendo saber se ele continuava com a medicação, outros lamentando o sacrifício proposto por ele e alguns vibrando com a coragem do colega. Chegou a vez dele, pessoal!

Gustavo pediu para que o táxi encostasse na porta do lugar. Tinha carteira de motorista mas morria de medo de dirigir na cidade... bem, e em qualquer outro lugar. Abriu a porta e quase desmaiou com os gritos excitados dos amigos e os flashes simultâneos. Todos estavam lá. Antes que terminasse de cumprimentá-los sentiu uma aproximação desconhecida. Alto, gordo, cabeça raspada, argolas largas afundadas no nariz, beijo, orelha, sobancelha, língua e sabe Deus onde, e tatuagens pelo corpo inteiro. Ideogramas, tribais, frases, personagens infantis, dragões, lobos uivando, caveiras sorrindo. Só pelos desenhos na canela, percebeu:

- Vo-vo-cê é o Carniça?

- Isso, mano! Você é a vítima?

- Vítima do quê???

- Tô brincando, mano! Relaxa! Foi você quem ligou marcando?

- ...Sim.

- E ficou perguntando se a gente tinha autorização da vigilância sanitária?

- ... Er... foi, sim.

- Relaxa! Ninguém nunca morreu aqui..

- Sério...? Que bom...né...?

- Chega de papo. Vamos começar.

Os amigos de infância tentaram se espremer em direção à pequena sala, quando foram parados pela mão gigante do Carniça.

- Aqui dentro, somente eu e o moleque que vai fazer a tatuagem.

- Mas é que ele...

- Questões de higiene.

- Mas a gente sempre...

- Fora!

Carniça largou a multidão reclamando e bateu a porta. Já ajeitava as seringas quando percebeu a palidez de Gustavo. Os dentes batiam com força, as mãos transpiravam em excesso e os olhos se voltavam para a porta fechada, de onde vinham gritos de apoio dos amigos.

- Tá tudo bem, mano?
- ... estou morrendo de medo.
- Se você quiser...
- O quê?
- Dá pra fazer de um jeito sem dor.
- Mas e eles?
- Só vão perceber mais tarde. Você ganha alguns dias.
- ... tá bom. Pode ser.
- Beleza.
- Mas liga o motorzinho, por favor.
- Certo.

Trinta minutos depois, Gustavo sai sorrindo do consultório improvisado. Todos se juntam para ver aquele exemplo de coragem tardia, de libertação traumática. A aglomeração insana faz Carniça intervir.

- Ô! Parem de cuspir na tatuagem! Vão infectar o curativo!

Todos aceitam o conselho, mais por medo da reação do monstro pintado do que das bactérias em si. Enquanto responde as perguntas atropeladas dos amigos, “doeu muito?”, “você chorou?”, “ficou com medo?”, Gustavo acena a cabeça para seu tatuador oficial e promete voltar em breve.

Antes que a farsa se apague de vez.

## : de olhos abertos

- Como é possível ele ter sobrevivido?

- Você chama isso de sobreviver? Deitado com um monte de tubo na cabeça?

- E o que você queria?

- Marta, por favor...

- Não. Me diz! Queria o corpo dele junto com o dos amigos?

- Você não...

- Genial a sua idéia de dar um carro novo pra ele! Ge-ni-al!

- Você tá insinuando o que??? Que eu matei nosso filho???

- Ele não está morto, Ivan!

- Marta, ele está há 10 dias nessa cama, sem qualquer reação.

- Ele não está morto...

190 quilômetros por hora. Que idéia a minha. Vestido de branco e com o corpo rodeado por tubos e apitos ritmados, ainda lembro dos comerciais que desprezava. “Se beber, não dirija”. Meus amigos tinham o hábito de brindar com whisky vagabundo cada vez que a vinheta surgia na tela. Eu simplesmente não dava bola. Nunca bebi. Mas agora, ouvindo a discussão dos meus pais, fiquei com sede. Cadê o infeliz do enfermeiro pra jorrar mais vitaminas coloridas

no meu tubo? Aposto que está rindo da minha cara, comentando com todo a ala que mijei nas calças. Ainda pego esse filho da mãe. Mas não hoje. Ainda preciso aprender a piscar.

- Alguma novidade?
- Nenhuma, Dr. Nogueira.
- Nenhuma reação?
- Nada. Praticamente um defunto que urina.
- Oséias!
- Desculpe, doutor, mas é que...
- Vá até a enfermaria procurar o que fazer!
- ... Tanto doente e a gente cuidando de vegetal.
- Agora!

Mas que grande filho-da-puta. Além de alisar escondido as minhas coxas de madrugada, agora decidiu definir prioridades. Como se eu gostasse de ser bolinado por um enfermeiro psicopata sem poder fazer nada. Não posso nem contar com a turma pra me vingar quando sair daqui. Só me lembro do Gus tentando cantar um refrão de rap em inglês, enquanto o Chuck e o Alê balançavam as garrafas de vodka. “Você não tem coragem? Acelera!”. Nunca tive coragem, mas acelerei.

- Sr. Ivan e Sra. Marta, precisamos conversar sobre o filho de vocês.

- O que aconteceu, Dr. Nogueira? Alguma novidade?
- É justamente sobre isso que precisamos falar, Sra. Marta.
- Mas eu não entendo, o que...
- Ele vai ficar pra sempre assim.
- Mas o que o senhor está insinuando?

- A melhor alternativa é desligar os aparelhos e acabar com o sofrimento.

- Acabar com o sofrimento???

- Dele e de vocês.
- Escute aqui! Eu não vou matar o meu filho!
- Calma, Marta! O Dr. Nogueira pode ter razão.
- Razão, Ivan??? Você quer matar o nosso filho?
- Marta, nem piscar ele consegue.

Quer dizer então que o que define se meu corpo sairá caminhando ou perpetuará sob a terra é a minha útil habilidade para piscar? Eu tenho me esforçado, pai. Mas parece que nunca é suficiente, não é? Por mais que me concentre para movimentar as pálpebras e enchê-los de esperança, só consigo estimular a bexiga. E agora vem a punição, é isso? Você tá fazendo a mesma cara de quando procurou meu nome na lista de aprovados do vestibular. Você, que queria tanto um filho médico, agora adota o Dr. Nogueira e seus pensamentos contemporâneos. Faz o seguinte, pai, chame a funerária e prepare tudo. Ah! Chame o enfermeiro também. Estou morrendo de sede.

- Bom dia, Sr. Ivan. A Sra. Marta não veio?
- Bom dia, Dr. Nogueira. Ela vai chegar um pouco mais tarde hoje.
- Vocês já se decidiram?
- Sim. Não queremos nosso filho agonizando.
- Entendo, Sr. Ivan. Posso trazer o documento pro senhor assinar?
- Pode.

Covarde! Não agüentou ver o filho atleta imóvel na cama. Eu era obrigado a nadar naquela piscina gelada pra depois você passar minhas medalhas na cara dos amigos. Agora perdeu a graça, não é? Se filho café-com-leite não convence, imagina em coma, então. Foda-se você, o Dr. Nogueira e aquele enfermeiro afeminado. A minha mãe eu sei que é diferente. Pena que se atrasou no dia da minha execução.

- Prontinho, Dr. Nogueira.

- Eu sei como esse momento é difícil e...
- Sei, sei. Faça o que tem que ser feito.
- O senhor não quer se despedir do seu filho?
- Já me despedi no dia em que dei aquele carro.
- Entendo.

Pera aí! Era um teste? Parabéns, o senhor ganhou, pai. Eu sou um fraco, não sei dizer não e faço sempre o que os outros pedem. Se for pra correr eu corro, se for pra parar eu paro. Obrigado por me ensinar a dirigir quando eu tinha 12 anos.

- Enfermeiro Oséias. Pode desligar.
- Com prazer. Quero dizer, chega de sofrimento, né?
- Apenas faça, Oséias.

Quero gritar e não consigo. Percebo o sorriso irônico do enfermeiro e sua invejável disposição em obedecer. Meu pai encara o relógio. O Dr. Nogueira disfarça a fraqueza e faz as últimas anotações no prontuário. Aposto que está com a caneta fincada no campo “hora mortis”. O enfermeiro acena com a cabeça e os aparelho silenciam, assim como o fluxo dos tubos. Sinto a boca áspera, mas ainda consigo ver minha mãe arrebatando a porta da UTI desesperada. Meu pai havia saído de casa sem avisar. Sob os gritos de “assassinos, assassinos!”, espumados em seu rosto, confundo os vultos. Faço um último esforço e, antes que feche os olhos, consigo finalmente liberar duas gotas em protesto.

Uma de choro e outra de mijo.

## : o sorriso

Sorriso no rosto.

Assim desprende-se de sua personalidade usual e inicia sua jornada de trabalho como recepcionista de hotel. O cabelo engomado e o impecável corte do uniforme completam sua personagem. Atenta às horas que absorvem sua rotina profissional, mantém o largo sorriso colado à face. Organiza as tarefas de maneira automática pelo simples medo de ser consumida pelo desgaste imprevisível. Ereta atrás da trincheira que separa seu corpo do avanço inimigo, ouve o primeiro grito de guerra:

- VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

Ainda com o sorriso no rosto se dispersa por alguns segundos. Com quem realmente estou falando? Com o pai de família desprezível que solicita o “apoio profissional” das devassas urbanas enquanto mostra as fotos de suas admiráveis crianças? Com o respeitado empresário que pede, com naturalidade hipnotizante, para que seus consumos pessoais sejam lançados na conta da empresa? Com o político incoerente que pisoteia quem o atende, mas que esbanja simpatia e carisma quando está em campanha? Com o alcoólatra imerso na tristeza peculiar que somente o vazio obscuro do seu quarto pode proporcionar? Com o esquizofrênico momentâneo que espalha sorrisos na mesma proporção que despeja desaforos?

Com o caloteiro melodramático que se sente ofendido frente a qualquer cobrança, mas que foge no silêncio da madrugada?

Tenta selecionar do caricato cardápio de bizarrices a personalidade que lhe confronta. Longe do glamour que marcou o ápice hoteleiro no poço da memória, assiste ao surgimento, vergonhosamente constante, dos hóspedes nos mais reprováveis perfis.

- Desculpe-me senhor. Resolverei seu problema.

Seu sorriso brilhante persiste, mas parece não perceber que a naturalidade ao engolir o esbravejo aumenta a dor da figura calada. Ao assistir ao desrespeito gratuito, aceita a condição de vassala operacional e estimula, mesmo sem qualquer grunhido, a força do algoz.

Nada disso parece incomodá-la. Os colegas invejam seu sorriso, pronto a cativar mesmo nos momentos mais inquietantes. Aos olhares de “como ela consegue?” e “gostaria de ser como ela!” o ponteiro segue esmagando as horas. O tempo transcorre lentamente, mas, felizmente, segue para o desfecho ensaiado.

Fim de turno.

Ainda sorrindo caminha em direção ao relógio de ponto, visto por muitos como o aparelho responsável pelo estancamento da dor diária. Desliza sem pressa o cartão e aproxima-se do banco, praticamente escondido, em um canto pouco iluminado na garagem. Desmancha o sorriso que sustentou sua face durante todo o dia, acende um cigarro e cola os lábios para intoxicar-se lentamente.

Pensa por um segundo nas vezes que fora criticada por preservar o vício da nicotina, enquanto assiste ao sutil desenho da fumaça. O principal argumento, vociferado pelos entendidos, estava relacionado aos malefícios que aquele simples canudinho trazia à saúde.

Fingia-se de surda e não ligava.

Sabia que o sorriso mais infeliz do mundo merecia aquele veneno.



gosto

duvidoso

*“incerteza entre confirmar ou negar um julgamento ou a realidade de um fato.”*



## : abusado

*“A Lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente”.*

*227 par. 4º da Constituição Federal*

- Quer dizer então que se for maior de 18 eu posso trazer?

A placa de metal com a inscrição do artigo 227 sempre esteve sobre o balcão da recepção do hotel em que trabalhei. Despercebida pela maioria dos hóspedes, talvez pelo desvio de olhar ou simples falta de interesse, a mensagem esconde, sob o brilho metálico, o respeito básico à criança e ao adolescente: sua sexualidade.

A pergunta acima foi proferida, às gargalhadas, por um hóspede que, na tentativa de demonstrar astúcia criativa perante seus colegas de trabalho ou para exaltar sua retrátil veia humorística, somente realçou a cretinice social que enterra nossos valores. O olhar de reprovação do recepcionista, desprezado pelo pelotão que rasgava exagerados sorrisos, escondia a impotência que alimentava sua posição hierárquica.

O que deveria ser um caso isolado, resultado do pensamento de que “sempre existe um idiota”, infelizmente possui frequência assustadora. Solicitações noturnas para acompanhantes, chamadas pelos hóspedes mais envergonhados de “amigas” ou “namoradas”, bombardeiam as linhas da recepção. E se forem maiores de 18 anos, como defende o astuto gargalhante? Dias atrás, ao solicitar o

documento de identidade de uma acompanhante trazida pelo hóspede de algum nebuloso prostíbulo metropolitano, percebi que havia aniversariado sua maioridade no mês anterior. A forma como movimentava o corpo e o vocabulário, repleto de insinuantes clichês da profissão, confirmavam que a mulher, de mãos entrelaçadas com seu namorado instantâneo, há tempos desempenhava essa função. Desde criança talvez.

Infelizmente o poder do recepcionista limita-se a evitar que indicações dessa natureza ocorram, proibir a entrada de qualquer menor de idade sem documentação, mesmo acompanhado dos responsáveis, e evitar a entrada de garotas de programa que não estejam com documentos. E por que os hotéis continuam permitindo que hóspedes se relacionem com prostitutas? Pelo simples fato de que o falho sistema hoteleiro, baseado na crença tradicional de que “o hóspede tem sempre razão”, deseja evitar o desconforto causado por tal reprovação, principalmente entre aqueles que se hospedam assiduamente. Além disso, a miséria social, coligada ao pensamento de que a remuneração é insuficiente, estimula recepcionistas a solicitarem comissão para as indicações que fazem. Dessa forma o ciclo soturno segue caminhando, escondido no vazio da indiferença.

A consciência de que existem limites para o atendimento exemplar deve ser encarada com responsabilidade. Proibir a entrada de hóspedes importantes com prostitutas? Por que não? Talvez sozinho em seu quarto, após ter despejado toda a fúria em quem o condenou, olhe as fotos de seus filhos e brinde a solidão. Talvez assista a indignação da prostituta revoltada que, ao caminhar pesadamente para fora do hotel, pense, mesmo que por um segundo, que a profissão escolhida não vale a pena.

Certa vez, em outro hotel, fui surpreendido por um hóspede que desejava, desesperadamente, trocar de apartamento. Argumentou que não gostaria de dormir com a esposa, que chegaria no dia seguinte, no mesmo quarto em que havia dormido com uma prostituta na noite anterior. Enquanto verificava a disponibilidade percebi o constrangedor silêncio que preenchia aquele momento.

Desviei mais um olhar enquanto digitava e, talvez pela cumplicidade que a situação causava, ouvi seu último desabafo:

- Eu amo minha mulher, mas você entende como são essas coisas, né?

Entreguei o cartão magnético do novo apartamento sem responder.

Sinceramente, eu nunca entendi.

## : da lama ao caos

“Olhem o tamanho do buraco! Haverá alguém vivo? Nunca vi nada igual! Não desliguem!”

Ainda perdido entre tantas informações emaranhadas tento traduzir a respiração falha do repórter. Percebo que o operador de câmera sofre, esforçando-se para manter o equipamento estável, enquanto segue sua dupla de trabalho. As primeiras imagens em plano fechado não me convencem. Estalo o controle e entendo o porquê da comoção televisiva. Uma enorme cratera, de perverso apetite, engole carros, caminhões e pessoas. Sobre ela, um majestoso guindaste mostarda se equilibra, ilhado na única parte que sobrevive ao desastre. Amedrontado.

As causas e proporções do incidente, catastrófico nas transmissões, são debilmente comentadas. O alvoroço da mídia, engalfinhada nos gráficos do Ibope, tenta transferir a tensão do local para as antenas. Em pouco tempo, teorias precipitadas são criadas para decifrar tamanho caos. Chuva, falha humana, engenharia complexa, fatalidade, imprevisibilidade arquitetônica. Até mesmo o posicionamento do rio foi criticado. “Sou inocente!”, diria ele, entre lágrimas barrentas.

Conhecemos os familiares das vítimas sugadas pelo solo. Sonhos, esperanças, fetos em formação, fé, realizações, planos, mais fé. A imprensa, movida pela fértil audiência fora de época,

apóia-se na dor alheia para capitalizar suas imagens. Moradias demolidas e choros impotentes se mostram mais atrativos do que terra sendo removida. Até as roupas separadas pela mulher de uma das vítimas, que deveriam ser trocadas quando ele saísse com vida do buraco, são mostradas . Pudera, explicações sobre bolsões de ar, comuns em casos similares, alimentam a expectativa do lado de fora. Mas a dificuldade de acesso e o tempo acelerado contestam a emoção.

O curioso é que obras deste tipo, quando finalizadas, estampam a imagem vencedora de quem a fez: “Sim, somos nós os responsáveis por este projeto de sucesso! Viva o povo!” No entanto, perante absurda desordem, a responsabilidade escorrega nas falas. Técnicos especializados trazidos do exterior, reforçando a idéia de que o aprendizado terceiro-mundista nunca é completo, avaliarão o desastre. Quem sabe não aproveitam para sacudir as bochechas avermelhadas no nosso Carnaval? Ah, nisso a gente não falha!

Aos poucos são encontradas as vítimas, visivelmente sem vida, e a repercussão se dissolve. A motivação pelo final vendido perde a eficácia quando é confrontada com a realidade dolorosa. A repetição dos boletins instantâneos abre espaço para novas reportagens. Praia, câncer de pele, previsão do tempo. Afinal, lembraram que férias também movimentam a audiência. Assim, depois de atentados de grupos criminosos, ônibus em chamas, alagamentos na capital e acidentes nas estradas, enterram mais uma matéria de final infeliz.

E, entre os escombros, ferragens e poeira, largam a vítima que mais agoniza. Idosa, com sérios problemas respiratórios, caminhar lento e afundada na própria ferida. A cidade de São Paulo.

Mas essa, ninguém vê vantagem em ajudar.

*No dia 12 de janeiro de 2007, um desabamento nas obras do metrô de São Paulo resultou em sete vítimas, vários veículos engolidos, imóveis interditados e demolidos e caos generalizado na cidade. De acordo com as construtoras responsáveis pela obra, o acidente ocorreu devido à instabilidade do solo da região.*

## : cartão vermelho

- Detesto futebol.

Primeiro peço que controlem o desespero patriótico gerado pelas palavras acima. Reitero o pedido porque sei que a proximidade com o único acontecimento mundial capaz de elevar o Brasil a patamares heróicos, aumentará a indignação dos que me lêem. Sejamos honestos uns com os outros! Se meu desabafo seco o fez abrir um sorriso amarelo e comentar com os amigos na sala: “Se liga nesse cara! Brasileiro que não gosta de futebol??? Só pode estar brincando!” o convido a interromper a leitura e assistir aos gols do seu time de coração nos intermináveis programas esportivos. Aliás, não esqueça também de assimilar os ricos vocabulários futebolísticos, multiplicados e mutilados, de maneira “artilheira”, por comentaristas que, da noite para o dia, surgem com soluções e estratagemas para explicar a derrota de suas equipes. Vá mais além e discuta com os amigos, sufocando as provocações lançadas pelos vitoriosos do dia anterior. E se você faz o tipo explosivo que repudia provocações mas é o primeiro a ligar para conhecidos na final do campeonato, comece a guardar dinheiro: o preço do marcapasso cardíaco tende a aumentar com a retomada do dólar.

O que mais gera indignação quando penso em futebol e campeonatos mundiais é a amnésia reflexiva que comanda nosso cotidiano. Acabar com a fome no salivante sertão? Discutir o turismo sexual esquecido no nordeste? Lutar contra o castigo político eleito por nós? Infelizmente, se você faz parte da maioria pisada pelo

atropelo social, durma e acorde em 2007. O Brasil de Terceiro Mundo, pobre em ideais, desorganizado, faminto e sob a mira do descaso, anestesia-se nos meses que seguem. Saco de arroz? Passa a bola!!! Educação sustentada? Foi falta juiz ladrão!!! Moradia para os mazeados esquecidos na calçada poeirenta? CHUTAAAAA!!!

A metamorfose social surge do encontro da carência nacional por líderes e heróis com a possibilidade de encontrar onze deles em campo. O orgulho surge potente, gritamos “Sou brasileiro!” em volume anormal, declaramos o começo da era em que a união definirá o progresso da nação e acreditamos que tudo será promissor. Mas quando acordamos da ressaca comemorativa percebemos que os gols não alimentaram os famintos, os dribles não diminuíram a miséria vergonhosa e a taça, em invejável brilho dourado, apenas realçou o branco anêmico de nossas crianças.

Em momento algum culpo o caos social às vitórias da equipe brasileira. Acredito que cada vez que lágrimas são substituídas por esperança a motivação nasce mais forte. No entanto sofro ao perceber que a vitoriosa “equipe brasileira” não é composta por políticos e autoridades que carregam o desenvolvimento da nação em suas funções. São ex-moleques da favela, crescidos em sofridas condições e machucados pelo mesmo sistema político que hoje aperta suas mãos dizendo: “O Brasil agradece”. A responsabilidade pelo desenvolvimento da nação foi “transferida” para jogadores, com idades cada vez mais adolescentes, e qualquer desfecho que não seja a vitória criará obstáculos em nosso desenvolvimento.

Aos 10 anos fui escalado para cobrar o pênalti que definiria o campeonato entre as turmas do ginásio. Agarrei a calejada bola com atitude vencedora e a posicionei poucos centímetros atrás da marca. Confiante, decidi não tomar distância. Chutei com força e acompanhei a bola estourar o travessão, enquanto gritos histéricos eram acompanhados da invasão na quadra. Saí despercebido, fugindo dos medrosos comentários de que “pênalti é loteria”, e andei sem destino certo por alguns minutos.

Nunca me arrependi por ter perdido o campeonato. Arrependi-me somente por ter acertado a trave quando, na verdade, havia mirado o diretor da escola.

## : contratado!

- Agora, podem começar a recortar as revistas. Naquela caixa tem lápis de cor, canetinha e cola. Não esqueçam de desenhar a palma da mão direita na cartolina que está sobre a mesa. Vocês têm dez minutos para finalizarem as montagens.

Na primeira leitura pode parecer a descrição de uma aula de educação artística ginasial ou um curso de controle motor para a melhor idade. No entanto, esta demonstração de “criatividade” foi exigida em uma dinâmica em grupo da qual participei. Sempre me questionei sobre a profundidade teórica que compreende os exercícios de seleção de candidatos aos empregos. Aceito que fontes alternativas de análise sejam utilizadas para aprimorar a “peneira” profissional, mas o que vemos hoje é a ridicularização dos processos e a isenção de culpa dos empregadores sobre as contratações errôneas. “Reclamem com Freud!”

- Um hóspede se engasga com um lagostim no restaurante do hotel. O que você faz?

- Tento desengasgá-lo!

- E se não conseguir?

- Procuo um médico no hotel.

- E se não tiver nenhum?

- Levo ao pronto-socorro!

- E se estiver fechado?
- Pronto-socorro... fechado???
- Próximo candidato, por favor!!!

- Um hóspede arremessa um telefone celular na sua cabeça.  
Qual a sua sensação?

- Indignação?
- Humm... tente de novo.
- Perplexidade?
- Mais uma chance.
- Raiva???
- Próximo!

Percebe-se nos entrevistadores, cada vez mais engajados em joguetes subliminares e em táticas colhidas na literatura psico-corporativa, a busca pela certeza absoluta em relação às escolhas. Pecam, porém, ao tentar transferir toda a responsabilidade da contratação para as mãos dos entrevistados. Alguns se consideram, até mesmo, moderadores das dinâmicas, responsáveis unicamente pela correta condução dos debates.

- Jorge, pergunte para o candidato ao seu lado qual comida ele gostaria de ser.

- Mas...
- Não fale para mim, fale para ele. Finja que não estou aqui.
- Mas ele já ouviu a pergunta...
- Sou invisível! Invisível!

Certa vez, em um hotel na capital paulista, pediram para que respondesse a um questionário com aproximadamente oitenta perguntas, para a vaga de recepcionista. Obviamente copiadas de alguma cartilha previamente elaborada, os absurdos partiam de perguntas como “Você conhece todas as pessoas do mundo?”, “Você

gosta de fazer sexo com pessoas atraentes?”, “Você se sente atraído pela dor?” a questões hilárias como “Você já fez algo considerado sexualmente reprovável?”, “Você gosta de comer?”.

Em outra ocasião, cheguei ao hotel para a terceira fase de uma entrevista para recepcionista, ainda tentando entender a morosidade do processo para função com salário tão inexpressivo. Os três candidatos remanescentes das outras etapas passariam pelo teste de inglês. Cada um comentou durante quinze minutos sobre um tema livre, sob o olhar crítico da gerente de hospedagem e seu assistente na época. Dois dias depois recebi a informação de que havia sido selecionado. Ainda na primeira semana de trabalho descobri que as pessoas que me avaliaram não sabiam falar inglês. *Shame on them!*

Entre outras esquisitices, já desenhei a palma da mão, escrevendo uma qualidade para cada dedo. Já montei um brasão com recortes, cuidando para esclarecer através das imagens meu passado, presente e futuro. Já virei comida, animal, estilo de música, estado brasileiro, cor, aroma, na tentativa de detectar qualquer distúrbio criminoso em minhas comparações. Fingi escrever cartas a entes queridos, comentando minha alegria ao ser selecionado. Comentei meus últimos livros, filmes, experiências, traumas. Fui questionado se preferia computador à máquina de escrever e qual a vista da janela do meu quarto. Fui interrogado sobre a estória do cinema europeu – a vaga era para auditor operacional. Resolvi exercícios de raciocínio, nada inéditos e vastamente distribuídos pela internet. Enfim, tudo muito... “dinâmico”.

Mês passado, um conhecido de longa data participou de um processo seletivo. Após explicitar sua vasta experiência e capacidade de inovação, ambas invejáveis por sinal, foi descartado com a seguinte declaração:

- Você é bom demais para a vaga.

Ouviu a sentença mudo, levantou-se sem pressa, agradeceu a oportunidade, despediu-se da responsável de olhar raso, acenou com

a cabeça para a secretária que se indignava com o Orkut do namorado, pressionou o botão enferrujado do elevador e desabafou:

- Ufa...

: desafia o nosso peito à própria morte

- GOOOOOOOOOOL!!!

O grito rouco, pronunciado por comentaristas que mais torcem do que narram, distorce o que entendíamos como favoritismo. O belo cruzamento, seguido do impulso determinado e com velocidade suficiente para explodir a multidão, não pertence a nós. Aliás, há tempos o conjunto de jogadores milionários não é controlado pela atropelada multidão canarinho. Comissões técnicas, eretas em majestosas poses, espumam teimosia em seu esquema tático e açoitam, transpirando autoridade, qualquer súplica da nação por mudanças. Agrava-se ainda o fato dos contratos publicitários vitalícios garantirem o sucesso financeiro dos jogadores, mesmo que acompanhado do fracasso futebolístico.

A quem devemos reclamar? Aos nossos sonhos, estufados de maneira ingênua sob perspectivas erradas? Talvez devêssemos culpar a nossa falta de ideais, que tenta sugar do evento esportivo a cura para a nossa falência patriótica. Ao menos temos quatro anos para pagar nossas caríssimas camisetas oficiais.

- ...DA FRANÇAAAAA!!!

*Au revoir, Brésil!* Tornamo-nos bilíngües da derrota de gosto amargo e impotentes perante o adiamento da revanche. Confiamos nos heróis que disfarçaram suas identidades no momento decisivo.

Escondemos nossas fraquezas e suspiramos uns aos outros:

- Tomara que ninguém perceba nosso jogo vazio e desordenado!

- Não se preocupe! Brasileiro sempre “dá um jeitinho”.

O jeito esperto, ostentado em discursos sem lógica e multiplicado pela herança órfã de cultura, mostrou-se falho em dimensões internacionais. Concordo que o condicionamento intelectual brasileiro não é a causa da nossa eliminação esportiva. No entanto, a falta de habilidade para lidarmos com as derrotas, supostamente ganhas, proclama a depressão ideológica quando o choro escorre. Somos quem defendemos ou somente aceitamos passíveis ao ballet da concorrência?

*Je ne sais pas...*

Assistir ao apoio desesperado dos olhares dilatados nos minutos finais, em uma inútil tentativa de empurrar a bola, fez-me fraco. Gostaria realmente que os sofreadores de lágrimas únicas entendessem que “a vida continua”. Melhor, assimilassem que o sucesso dos seus passos independe do berro “sou hexa!” para que se concretize. Quando nos tornarmos donos de nossas vitórias aprenderemos a falhar.

Horas depois da derrota que rasgou do peito a vitória prometida, recebemos em casa a triste notícia do falecimento de um amigo da família. Diferentemente da seleção, lutou com invejável força contra um câncer que, por mais invencível que parecesse, era encarado dia após dia como mais uma etapa vencida. Esse era o espírito! Durante sua recuperação, dizíamos que “a esperança é a última que morre”.

Cheguei a acreditar que no primeiro dia de julho deste ano, a esperança, contrariando a lógica, havia morrido duas vezes. Mas pensando bem, seria injusto comparar a inesgotável vontade de viver de nosso amigo com uma seleção que já nasceu de luto.

*C'est fini.*

*Na Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha, o favoritismo do Brasil resultou em um modesto quinto lugar. A eliminação contra o time da França, nas quartas de final, repetiu a tristeza sentida na Copa do Mundo de 1998, quando o Brasil perdeu para a mesma seleção na final do campeonato. Jogadores desmotivados e decisões equivocadas da comissão técnica foram os principais motivos declarados pelos brasileiros para a derrota verde-amarela.*

: 23:59

Roupa branca, lentilha, animais que fuçam pra frente. Pronto. Ah, claro, pular ondinhas. Agora sim! O circo das festividades do Ano Novo está completo. Sabem o que é mais irônico? Todas as rezas, crenças e rituais para o ano que nascerá, festejam a incompetência do ano que se afoga. Isso mesmo! Ao pular as três ondinhas esquecemos de nos perguntar: o ano de 2006 sabia nadar? Receio que não brindamos a aproximação do novo calendário, mas sim, o distanciamento do ano ultrapassado, esquecido, ordinário. A incapacidade de realizar os sonhos prometidos no último festejo nos envergonha. Dia trinta e um de dezembro é o momento de repetir enfático “ganhei mais uma chance, mais uma chance!” Escreveremos listas, somente com pontos a melhorar, e afixaremos orgulhosos na porta do armário, torcendo para que a fita crepe falhe e derrube o compromisso firmado. Devoraremos pratos ultracalóricos, “Hoje posso sair do regime”, mesmo que a banha esmagada na roupa alerte para a inexistência do controle alimentício há meses. Abraçaremos parentes distantes, quem sabe até com lágrimas nos olhos e carnívoros beijos interesseiros. “Vocês são minha família... minha família!!!” Dançaremos agarrados em cinturas desconhecidas o novo hit do verão, torcendo pela infinidade do coro forçado. A chuva de cerveja nos cabelos alisados não nos incomodará, pois acreditamos que toda a vaidade fútil ficou pra trás. “Solidariedade, essa é a nova norma para o ano que nasce.” Beijaremos beijos

diversos, cuidando para que todo nosso carinho seja distribuído de maneira igualitária. “Viva o amor! Aumenta a música! Esse é o meu ano! Quanto tá a cerveja, tio?” Patrocinaremos o álcool alheio, porque mesquinhez, controle de gastos e planejamento monetário são coisas do passado. Assistiremos aos fogos, “Nossa! Muito mais lindo do que no último ano”, mesmo sem lembramos se foi a luz verde ou a vermelha que virou um coração e depois uma estrela cadente, caindo sobre o mar poluído. “Junta, junta, pessoal! Hora da foto!” Registraremos com câmeras, celulares, gravadores ou qualquer outro dispositivo tecnológico, os momentos vividos, mesmo sabendo que poucos serão instantaneamente revelados. Trocaremos centenas de olhares sem nome, pelo puro prazer de inflar nossos egos miúdos. Confessaremos, “Fui eu quem transou com o Gui, seu ex!”, e desculparemos, “Esquece! Isso é coisa do passado! Bola pra frente!” Nos juntaremos ao bloco revoltado que tenta impedir os músicos de irem embora. “Mas que absurdo!! São seis da manhã ainda!” Filosofaremos a áurea virgem espalhada no céu límpido, acenando descoordenados para as nuvens apressadas. Esqueceremos os chinelos pelo caminho, eternizando o contato da sola pelada com alguns cacos de vidro esverdeados. “Que curativo, o que? Vamos dançar!” Puxaremos pelo braço os bêbados entregues ao poder da gravidade, clamando pela animação daqueles que nem os olhos conseguem abrir. “Sai dessa lixeira, Zé!!! A festa tá só começando!” Caminharemos pela areia, metricamente desenhada pelo lixo que restou do festejo, cantando “que tudo se realize, no ano que vai nascer...” Chegaremos finalmente em casa, despedindo-nos, um a um, das desconhecidas amigas que seguem pipocando no arrastão etílico. Deitaremos encharcados com a mesma roupa branca, digo, encardida, no primeiro colchonete largado ao chão. Fecharemos os olhos, ainda sorrindo, assoviando o último refrão.

E acordaremos no próximo ano, amassados, roucos, com a língua áspera e uma puta dor de cabeça.

Rezando para que os 364 dias restantes passem voando.

## : o tempo esquentou

“Nossos netos ficarão sem água!”. A calamidade, anunciada como uma ameaça por cientistas de traços maníacos, realça o desejo nacional por catástrofes que justifiquem nossa indiferença evolutiva. As previsões, potencializadas pela digitalização de um futuro árido, prometem um cenário caótico.

- Assalto, patrão!

- Mas que...

- Passa essa garrafinha de água, mano!

- Mas eu tenho filho pra criar... por favor...

- E tu acha que minha família num tem sede, porra???

- Desculpa... eu não quis....

POW, POW, POW

Na outra ponta da cidade, os gritos do repórter sugerem a economia total! Amparados pelo terror longínquo, porém sedutor, o povo antecipa o fervor. Qualquer chance de fazer parte da massa humana que fomenta o bem ecológico é louvável.

- Que cheiro é esse?

- Sou eu. Faz uma semana que não tomo banho.

- Credo! Pra que isso?

- Estou preparando um futuro com água para os meus netos.
- Entendi. Hum, depois a gente se fala.
- Ei!
- Que foi?
- Coça aqui pra mim.

O desespero estende-se também para os modismos ecológicos, brutalmente defendidos e com validade limitada. A mania agora é equilibrar as emissões de carbono. Justifica-se o fato dizendo que o aquecimento global é resultado da falta de equilíbrio entre o oxigênio que se consome e o carbono que se libera. No final de todo esse cataclisma teórico, o resultado é sempre o mesmo: consciência pesada.

- Tem isqueiro?
- Tenho, mas não posso usar hoje.
- Ficou doido? Só quero acender meu cigarro.
- É que eu equilibrei minhas emissões de carbono no fim de semana.
- Eu deixo você dar uma tragada.
- Hum... é light?

Semana passada encontrei meu carro submerso em outra enchente metropolitana. O odor desprezível, resultado da mistura entre esgoto, urina de rato e barro, enjoava a distância. Mantive os pés levantados enquanto improvisava um balde com o tapete borrachudo. Grande parte da água foi retirada, sobrando somente a terra crocante colada ao feltro. Fui para casa sobre o banco molhado, acompanhando os inúmeros derrapamentos e tragédias que ficavam no caminho. Uma folha do jornal do dia, usada para forrar parte do banco, me chamou a atenção. Entre algumas notícias sem importância, a mais estarrecedora se envergonhava no mosaico de letras:

Previsão do tempo: tarde ensolarada em toda a Capital.

## : juventude transviada

Acostumado aos odores sensacionalistas dos programas abertos, desprezei o olhar roxo que preenchia a tela. “Mais uma que apanhou do marido”, pensei, enquanto resmungava o sumiço do controle remoto. Perdido no peso dos cobertores lutei contra a preguiça e percebi que a coleção de hematomas da personagem ultrapassava o usual. “Porra, mas quantos maridos ela têm?”.

A curiosidade espontânea refletia na força com que esmagava a tecla gasta que controlava o volume. Sirlei. Esse era o nome da presença desfigurada. Imóvel no ponto de ônibus, aprendeu no sofrimento carnal que a vida não é passageira. Sob a fúria latente, e facilmente volátil da adolescência mimada, sentiu corpo e alma serem amassados por punhos fechados e bicudas importadas. Os gritos desafinados abasteciam a combustão raivosa dos marginais de rostos bem-cuidados, inocentando o silêncio.

Alguns indignados com a situação condenaram a sorte da empregada. “Coitada, estava no lugar errado, na hora errada”. Sinceramente, Sirlei estava no país errado. Afogada em promessas descartáveis, a sociedade prefere cobrir suas feridas, esquecendo de limpá-las. A nobre nação do futebol “passa a bola” até o momento em que os sintomas percam sua relevância. A ânsia comportamental que motiva nossas indignações aumenta a úlcera social sem remediá-la. As visitas estão proibidas. O Brasil está na UTI.

O núcleo familiar, principal responsável pela educação e comprometimento filial, esconde-se dos desafios com medo de ser julgado. Ao libertarem suas crias despreparadas no caos externo, esquecem-se da sedução que tal ambiente gera na contestação adolescente. Estes, abraçados pela aceitação irracional constroem argumentos para os murros que ensaiam. Assim, os pais que sonham com os filhos médicos, ironicamente aceitam suas opções de serem monstros. “Se isso faz você feliz, vá em frente, filhão!”.

Sirlei não apanhou sozinha. Os gemidos arrastados entre os dentes ultrapassaram a tolerância blimpada. Envergonhamos-nos das nossas falhas, sofremos a indiferença que alimentamos e pedimos desculpas por tirarmos das coleiras os animais que devíamos educar. As faces dos responsáveis, escondidas em capuzes de grife, cobrem toda a juventude agressiva, despreparada e insolente que maquiamos nos álbuns de família. Desculpa, Sirlei. Acreditamos que a liberdade provocaria o senso de responsabilidade das nossas crianças. No fundo, perdemos o dia em que se tornaram homens.

Logo após a ocorrência, a aristocracia culpada e com sangue nos punhos tentou argumentar a tragédia. “Achamos que era puta... Achamos que era puta...”. Com os olhos ainda vermelhos, ninguém acreditou.

Eles não seriam capazes de agredir as próprias mães.

*No dia 23 de junho de 2007, cinco jovens moradores de condomínios de luxo no Rio de Janeiro espancaram a empregada doméstica Sirlei Dias Carvalho Pinto. A indignação contra os adolescentes culminou quando um deles declarou que havia confundido a vítima com uma prostituta. A prisão dos jovens somente foi possível através da identificação da placa do automóvel que dirigiam, feita por um taxista que passava pelo local no momento do incidente.*



## *Biografia do autor*

*Nascido em Florianópolis, engatinhou para o Espírito Santo, onde viveu até os 12 anos. Ironicamente, sempre foi turista na própria terra natal, aproveitando o sol escaldante, mas abrindo mão do sotaque que caracteriza o povo barriga-verde. Nesta idade pré-adolescente mudou-se pra São Paulo, onde vive até o momento. Ainda não entendeu os limites entre a sedução vertical e o caos metropolitano.*

*Bacharel em Publicidade e Propaganda, Gestão Hoteleira e pós-graduando em Gestão de Marketing, busca no conhecimento a base para a escrita coerente. Foi estagiário de contra-regra, assistente de produção cinematográfica, camareiro, recepcionista, auditor operacional, redator e insistente. Atualmente exerce a função de Ansioso Sênior e torce para que suas palavras permaneçam legíveis sob a luz enfraquecida das idéias que defende.*

*Publicou o conto “Mendigo” na Antologia São Paulo em Prosa e Verso, pela Editora Litteris, e os contos “Herói” e “Alma Indecisa” na Antologia Panorâmicas Palavras, pela Editora Arnaldo Giraldo. Finalista do Concurso Literário Aracruz Celulose 2007, recebeu Menção Honrosa no 10ª Prêmio Missões com o conto “Funcionária do Mês” e garantiu o 3ª lugar na Categoria Crônicas no Prêmio Literário Heitor Cony, com o conto “Infinito Instante”, representado neste livro sob o título “De Pernas pro Ar”. A participação no Concurso Literário do Site Ora Vejamos, em Portugal, permitiu que o conto “Vou Fazer uma Tatuagem” recebesse a 3ª colocação.*



*O livro “Sabor de Chão” foi financiado pelo autor após constatar a ausência de espaço em seu quarto para os pareceres negativos das editoras. Felizmente, o fácil acesso à tecnologia e a percepção de que seus textos não poderiam viver em cativeiro, permitiram que esta cruel dependência fosse minimizada. Deve-se ressaltar que qualquer semelhança entre a vida real e os personagens desta obra não é mera coincidência. Tenha paciência e o próprio cotidiano se encarregará de apresentá-los a você.*

Felipe Borges Valério

R. Domingos Leme nº 758

04510-040

São Paulo - SP - Brasil

fvalerio@uol.com.br

